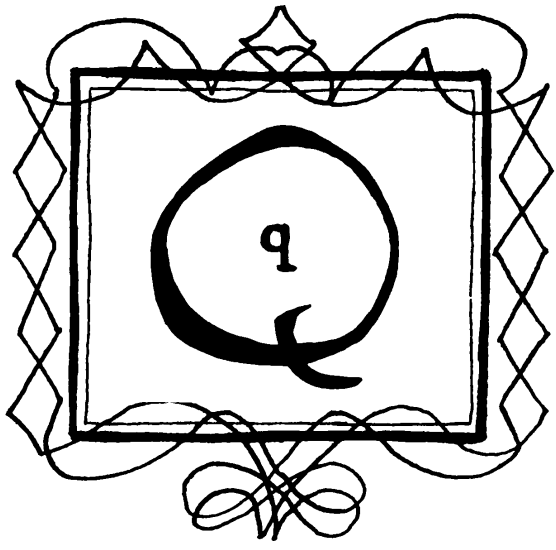


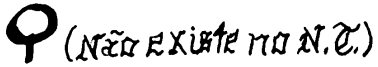
1. Formas Antigas

fenício (semítico), 1000 A.C. grego ocidental, 800 A.C. latino, 50 D.C.

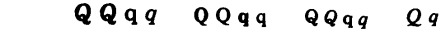




2. Nos Manuscritos Gregos do Novo Testamento



3. Formas Modernas



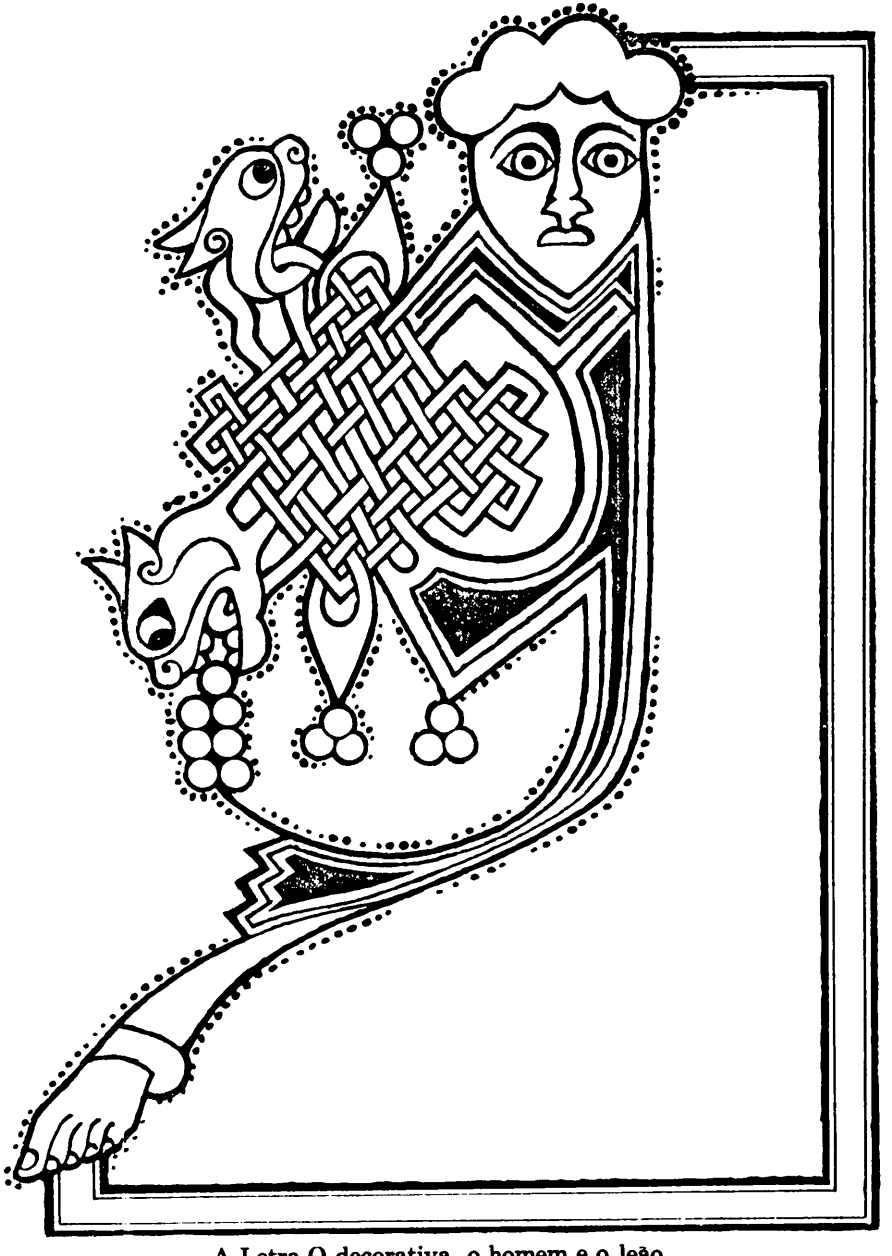
4. História

Q é a décima sétima letra do alfabeto português (ou a décima sexta, se deixarmos de lado o *K*). Historicamente, deriva-se da letra consonantal semítica *qoph*, representando um rouco fonema «k». Significava «buraco da agulha». Foi adotado pelo alfabeto grego com o nome de *koppa*. Afinal, caiu em desuso no grego, embora tivesse sido adotado pelo alfabeto latino. Neste idioma, sempre era seguido pelo «v» (o que explica a combinação *qu*, em português).

5. Usos e Símbolos

Q é usada para simbolizar uma fonte informativa sobre os ensinamentos e declarações de Jesus, que teria sido usada por Mateus e Lucas, mas que parece não ter sido conhecida por Marcos. Ver o artigo separado *Problema Sinóptico*. A sigla *QI* significa «quociente de inteligência». *Q* também é usado como símbolo do *Codex 026*, que data do século V D.C. Ver o artigo separado sobre esse manuscrito *Q*.

Caligrafia de Darrell Steven Champlin



A Letra Q decorativa, o homem e o leão,
evangelho de Mateus, Livro de Kells

Q

Q

Abreviação do termo alemão **Quelle**, «origem». Símbolo e termo aplicado ao hipotético documento que deu origem aos «Ditos de Jesus» e outros discursos encontrados em Mateus e Lucas, mas não em Marcos e João. A hipótese «Q», *Quellen*, ou «Redenquellen» foi apenas uma dentre várias teorias dessa ordem, propostas no século XIX por eruditos das escolas germânicas da alta crítica. De acordo com alguns estudiosos, a descoberta dos *Ditos de Jesus*, em Oxyrhyncus, teria confirmado a plausibilidade da posição. Eruditos do século passado e deste século tentaram reconstituir a perspectiva histórica da vida de Jesus, e outros do século XX continuam a pesquisa. Ver o artigo sobre o *Problema Sinóptico* que oferece mais detalhes sobre as diversas fontes supostas dos evangelhos sinópticos, inclusive *Q*.

QADARITAS

Essa palavra vem do árabe, com o sentido de «poder». Nome que os islamitas dão àqueles que crêem que o homem tem liberdade e poder de agir com independência, não estando sujeito ao poder predestinador absoluto de Deus. A corrente principal do islamismo é bastante determinística, embora haja quem não concorde com essa posição, como os mutazilitas (que vide).

QADI

Vem do árabe **qadar**, «poder». Nome de um oficial islamita nomeado para decidir sobre os deveres religiosos e interpretar leis como aquelas que envolvem a herança e os casamentos.

QERE

No hebraico, **o que deve ser lido**. É o oposto de K, **o que está escrito**. As siglas K e Q (Ketib e Qere) encontram-se, por muitas vezes, às margens dos textos massoréticos do A.T. Por respeito ao texto consonântico do A.T., os massoretas não ousaram mudar coisa alguma do texto, mesmo quando convencidos da existência de algum erro. Nesses casos, indicavam o erro, anotando-o à margem do texto considerado correto, o qual tornava-se então o «Q». A sigla também era usada como símbolo para indicar a pronúncia certa, no texto ainda sem os sinais vocálicos. Nesse caso, o «Q» não tem valor para a crítica textual. Mais de mil e trezentas dessas correções marginais aparecem no texto massorético. Quanto a maiores detalhes, ver o artigo sobre os *Manuscritos do Antigo Testamento*.

QESITA

Ver **Pesos e Medidas**.

QOUYUNJIG, COLEÇÃO DE TABLETES DE

Ver sobre **Nínive**, ponto 5.

QUACRES

O Journal de George Fox (vide). Cent. Ed. 1.4, afirma que foi o magistrado Gervase Bennet, de Derby, o primeiro a usar o nome, porquanto membros da seita (que posteriormente foi assim chamada) ordenaram-lhe que «tremesse» (quake) diante da Palavra de Deus. Isso teve lugar em 1650. A princípio, o nome foi usado em sentido pejorativo, mas depois tornou-se o nome popular da *Religious Society of Friends*. Ver o artigo sobre *Sociedade de Amigos*.

QUADRADO

Essa palavra, que no hebraico é **raba**, aparece por onze vezes no Antigo Testamento, como descrição do formato de edifícios, como o tabernáculo ou o templo (Êxo. 27:1; 28:16; 30:2; 37:35; 38:1; 39:9; I Reis 7:31; Eze. 40:47). Em Apocalipse 21:16, que é o único uso da palavra no Novo Testamento (no grego, *tetrágonos*), esse termo descreve o formato da Nova Jerusalém. Ver o artigo sobre o simbolismo do número *quatro*.

QUADRAGÉSIMA

Termo usado pela Igreja Católica Romana para indicar o período da quaresma, que dura quarenta dias, desde quarta-feira de Cinzas até à véspera da Páscoa. Ver o artigo sobre o *Calendário Eclesiástico*.

QUADRATO, APOLOGIA DE

Foi um dos primeiros apologetas cristãos. Sua obra foi apresentada ao imperador Adriano, em período de perseguição contra os cristãos. Pode ter sido preparada na Ásia Menor, em 123-124 ou 129 D.C., ou em Atenas, em 125 ou 128-129 D.C. A única porção preservada do texto é uma breve citação de cerca de cinqüenta palavras, nos escritos de Eusébio (*Eus. Hist.* IV.iii.2), que declara que algumas pessoas a quem Cristo havia curado ou ressuscitado ainda viviam na época de Quadrato.

QUADRIVIUM

Nome latino para as quatro ciências matemáticas: astronomia, geometria, aritmética e música. Durante a Idade Média, o quadrivium constituía a divisão mais elevada do curso universitário, que contava com um total de sete áreas liberais. O *trivium* era a divisão inferior, e consistia na gramática, na retórica e na lógica. Ver o artigo sobre o *Escolasticismo*. Esse programa de estudos foi esboçado por Platão em seu diálogo, intitulado *República*.

QUAESTIO

Palavra latina que significa «questão». O termo refere-se à prática de efetuar *debates* orais. Posteriormente, o nome foi transferido a um escrito filosófico que incorpora o estilo de um debate.

QUAESTIONES DISPUTATAE

Vem do latim, com o sentido de «questões disputadas». Ver sobre *Quaestio*.

QUAESTIONES QUODLIBETALES

Expressão latina que significa «questões seletas», nome de uma das formas de análise desenvolvidas pelo *escolasticismo* (que vide). Diferia das *Quaestiones Disputatae* (que vide) porque eram os ouvintes que escolhiam as questões que deveriam ser debatidas. Ver o artigo sobre *Disputas*.

QUALIDADES: Primárias, Secundárias e Terciárias

Essa distinção, era feita na filosofia grega. As qualidades primárias são aquelas possuídas pelo objeto, sem as quais o objeto nem existiria, como solidez, extensão no espaço, figura, movimento,

repouso e número. As qualidades secundárias são aquelas sem as quais um objeto pode existir, como cor, som, gosto, cheiro, etc. Os atomistas gregos, como Demócrito e Epicuro (ver os artigos a respeito) falavam nesses termos. Por longo tempo essa distinção foi ignorada na filosofia; mas, no século XVI, Galileu (que vide) e Mersene (que vide) reviveram-na, por ser útil para seu pensamento. Os termos precisos foram introduzidos por Robert Boyle e John Locke. Berkeley (que vide), e muitos idealistas (ver sobre o *idealismo*), rejeitavam a distinção, visto que, para eles, todos os objetos e conceitos são apenas funções mentais, sobre as quais não podemos estabelecer distinções.

Uma *terceira qualidade* consiste no valor que achamos em um objeto qualquer. Assim, uma nota de papel-moeda tem: 1. solidez, extensão no espaço, etc., que são qualidades primárias; 2. cor, que é uma qualidade secundária; 3. um certo valor que lhe é atribuído, subjetivamente, por convenção entre os homens, que é a qualidade *terciária*. As qualidades terciárias são avaliações subjetivas, como aquelas atribuidas a uma antiga fotografia, um cacho tirado dos cabelos do bebê, etc. (EP F P)

QUANTIDADE

Vem do latim, *quantitas*, tradução do termo grego *poson*, usado para indicar uma das *categorias* (que vide). Aristóteles considerava a quantidade uma das categorias básicas. Ver o artigo sobre ele e seu estudo sobre o assunto. Para ele, essa categoria é contínua ou separada. Pode referir-se à magnitude de alguma coisa como a extensão do tempo. Refere-se ao tamanho de alguma coisa, incluindo alterações nessa coisa. Emanuel Kant também pensava que a quantidade é uma das categorias básicas. Ver o artigo sobre ele, quanto a detalhes, sob 2. g.

QUANTUM Ver Mecânica Quantum.

QUARANTANIA

De acordo com uma antiga tradição, esse teria sido o monte onde Jesus foi tentado por Satanás (Mat. 4:8-10). Seu nome moderno é Tell el-Sultan, a oeste de Jericó do A.T. O nome alude aos quarenta dias da tentação de Jesus.

QUARENTA

Um número importante, tanto no Antigo Testamento quanto na simbologia em geral. Esse número era usado para designar a duração aproximada de uma geração, bem como períodos específicos de prova.

Períodos nos quais o número quarenta é importante:

1. Quando do dilúvio, choveu durante quarenta dias e quarenta noites, e foram precisos outros quarenta dias completos para as águas baixarem (Gên. 7:4,12,17; 8:6).

2. Moisés tinha quarenta anos de idade quando resolveu visitar seus irmãos de raça (Atos 7:23).

3. Moisés esteve por quarenta anos em Midiã, um tempo de preparação para a sua missão (Atos 7:29,30).

4. Moisés esteve por quarenta dias no monte, quando do recebimento da lei (Êxo. 24:18).

5. Moisés orou durante quarenta dias, em favor de Israel, a fim de evitar um severo castigo divino contra esse povo (Deu. 9:25).

6. Israel ficou vagueando durante quarenta anos no deserto, por motivo de desobediência, antes de poder entrar na Terra Prometida (Núm. 14:33; 32:12).

7. Davi e Salomão reinaram, cada qual, pelo espaço de quarenta anos (II Sam. 5:4; I Reis 11:42).

8. Jonas convocou os habitantes de Nínive para se arrependerem no prazo de quarenta dias (Jon. 3:4).

9. Em certa ocasião, Elias jejuou por quarenta dias, quando estava sob severa provação (I Reis 19:8).

10. Jesus jejuou no deserto pelo espaço de quarenta dias (Mat. 4:2).

11. Alguns estudiosos calculam que Jesus esteve no sepulcro durante quarenta horas. Ver o artigo separado sobre as *Quarenta Horas de Devoção*.

12. Após a sua ressurreição, Jesus continuou na terra por quarenta dias, antes de sua ascensão (Atos 1:3).

13. Tenho especulado que a grande tribulação (ver sobre a *Tribulação, A Grande*) perdurará por um total de *quarenta anos*, dos quais sete anos revestir-se-ão de significação especial para Israel. Parte dessa especulação é que esse período maior começará na década de 1980 ou na década de 1990. Ver o artigo intitulado a *Tradição Profética e a Nossa Época*.

QUARENTA E DOIS ARTIGOS

Esses foram artigos de fé compostos essencialmente por Thomas Cranmer, arcebispo de Canterbury, a fim de exprimir as crenças da *Igreja Anglicana*. Foram publicados sem autorização formal, em 1553. Posteriormente, tornaram-se a base dos *Trinta e Nove Artigos* (que vide), que é a confissão padrão da *Comunhão Anglicana*.

QUARENTA HORAS DE DEVOÇÃO

Também chamadas **Quarenta Horas de Oração.** Elas consistem em quarenta horas contínuas de oração, na presença da hóstia consagrada, que fica em exposição solene e pública. Naturalmente, a prática faz parte dos costumes católicos romanos. O propósito do mesmo é adorar, louvar e agradecer a Cristo pelos benefícios por ele conferidos através da eucaristia (que vide). Essas horas também são aproveitadas para interceder pelo bem público, pela humanidade, e, especialmente, pela paz entre os homens. O número *quarenta*, das horas desse período de devoção, deriva-se da idéia de que Jesus Cristo esteve por quarenta horas no sepulcro, antes de ressuscitar, um cálculo que não deve estar longe da verdade. Ver o artigo sobre o *Dia da Crucificação, Sexta-Feira*. Ver também sobre o *Terceiro Dia*.

Esse período de quarenta horas de devoção é acompanhado por serviços religiosos especiais. Antes de tudo há uma missa votiva (que vide), então uma procissão com o Bendito Sacramento, e o cântico da litania de Todos os Santos. O período é encerrado por outra missa pública votiva, seguida pelos mesmos elementos do primeiro dia. No segundo dia, a missa é usualmente celebrada em favor da paz ou de alguma outra necessidade especial. Pelo menos vinte velas ficam continuamente acesas sobre o altar, durante todas as quarenta horas, juntamente com o adorno de flores. Os fiéis que visitam o templo onde o rito está sendo levado a efeito, e que cumprirem outras condições, recebem *indulgência plenária* (que vide, no artigo sobre as *Indulgências*). Desde o decreto do papa Pio X, em 1914, essa indulgência é ganha mesmo quando as quarenta horas são interrompidas durante a noite.

Não se sabe qual a origem dessa devoção, mas alguns historiadores supõem que foram os barnabitas, Antônio Maria Zaccaria e o padre Bonus de Cremona, que lhe deram início, em cerca de 1527 ou 1529. Mas outros falam sobre o padre capuchinho José de Fermo, em cerca de 1534, que teria iniciado o costume quando ele levou todas as igrejas católicas de Milão a efetuarem esses períodos de oração a fim de contrabalançar as forças que estavam ameaçando a paz da Igreja Católica Romana, na ocasião. Pouco tempo mais tarde, Filipe Neri e os jesuítas introduziram a prática em Roma. Foi aprovado pelo papa Paulo III, em 1539, como um rito católico romano oficial. Em 1592, o papa Clemente VIII publicou o *Graves et Dituturnae*, regulando o costume, no caso de Roma. Em 1606, o papa Paulo V confirmou o ato de Clemente, estabelecendo perpetuamente o rito. Seguiram-se vários atos papais, que regulamentaram ainda melhor a questão, e, em 1705, o papa Clemente XI unificou todos os atos a respeito, os quais se tornaram conhecidos como as *Instruções Clementinas*. Em 1730, o papa Clemente XII alterou levemente a questão. Esses regulamentos diziam respeito somente à cidade de Roma, mas terminaram por servir de guia para o rito em todos os lugares. (E)

QUARESMA Ver sobre **Páscoa**, último parágrafo.

QUARTA-FEIRA DE CINZAS

No Ocidente, o primeiro dia do período da quaresma, desde que houve um prolongamento de quatro dias (no começo da Idade Média), para completar um período de quarenta dias, antes da páscoa. O termo vem da prática da antiga Igreja de Roma de aspergir cinzas sobre as cabeças dos penitentes, visando restaurá-los à comunhão, na páscoa. Essa aspersão, finalmente, passou a ser dada à congregação reunida. O missal *Sarum* continha um culto para a bênção das cinzas, que seria um sinal de humilhação, contrição e lamento. Ver Isa. 61:3; Dan. 9:3; Mat. 11:21. Ver o artigo sobre a *quaresma*. (B E)

QUARTO

Um crente mencionado em Rom. 16:23 como um dos associados de Paulo, que enviou saudações aos crentes de Roma quando estava em Corinto. Tal nome é latino, embora apareça em sua forma grega no sobrescrito não-canônico de I Coríntios. Não é mencionado em qualquer outro trecho do N.T., e nem é um nome confirmado nos anais patrísticos.

Seu nome significa exatamente o que diz, «quarto», o que talvez indique que foi o quarto rebento de seus pais. Ele é mencionado apenas como um «irmão», um crente no Senhor Jesus, sem qualquer distinção especial, conforme se vê no caso de Erasto: mas, no conceito de Paulo, não era menos importante do que este último, e envia a sua saudação juntamente com a de todos os demais. Nada se sabe acerca desse homem, embora a mitologia cristã posterior tenha feito dele um dos setenta discípulos especiais de Cristo, conforme o relato do décimo capítulo do evangelho de Lucas, o qual, mais tarde, ter-se-ia tornado bispo de Berito.

QUARTO Ver sobre **Hospedagem**.

QUARTO
Ver **Pesos e Medidas**

QUARTODECIMANOS

Esse nome vem do latim e indica os aderentes do grupo cristão do século II D.C., quase todos da Ásia Menor, que insistiam que a páscoa deveria ser observada no dia da páscoa judaica (que vide), isto é, no décimo quarto dia da lua após o equinócio de inverno, sem importar em que dia da semana caísse.

QUARTO EVANGELHO

Esse é apenas um outro nome comumente dado ao evangelho de João. Ver *João Evangelho de*. O primeiro evangelho é o de Mateus; o segundo, o de Marcos; o terceiro, o de Lucas. Ver sobre os *Evangelhos Sinópticos*.

QUATERNIDADE (QUATRO)

De acordo com a psicologia de Jung, quatro é o símbolo do que é completo, pelo que temos a terra representada como um retângulo, com quatro esquinas. Também encontramos os quatro cavaleiros do Apocalipse, que indica a totalidade do julgamento divino. A Trindade, mais a matéria, constituem a inteireza da criação. Há quatro estações a cada ano, quatro pontos cardeais. Quatro pessoas em uma família, ou seja, pai, mãe, filho e filha, constituem a unidade *básica* da família.

QUATRO
Ver sobre **Quaternidade (Quatro)**

QUATRO Ver o artigo sobre **Número.**

QUATRO CANTOS DA TERRA

Essa expressão aparece em Eze. 7:2; Isa. 11:12 e Apo. 7:1. O trecho de Isa. 24:16 tem uma expressão menos definida: «confins da terra». Essas expressões mui provavelmente significam «de todos os lugares» da terra, considerados como uma *totalidade*. Entretanto, é perfeitamente possível que por detrás da mesma esteja a crença antiga de que a terra era plana e tinha quatro cantos, pois seria quadrangular. Ver o artigo sobre *Cosmogonia*, quanto ao ponto de vista mundial dos hebreus. Ver também sobre a *Astronomia*, onde exponho uma ilustração dessa posição, completa com comentários e referências bíblicas.

Sabemos que a terra é redonda e não tem quatro cantos, mas os antigos não sabiam disso. A antiga cosmologia dos hebreus supunha que a terra fosse plana e de forma retangular, com quatro cantos, naturalmente. Essa crença reflete-se em passagens bíblicas como Isaías 11:12 e Apocalipse 7:1. Esse conceito também é amplamente representado nos livros hebreus extracanônicos, bem como nas cosmologias dos povos do Oriente Médio, incluindo os babilônios. Os filósofos gregos jónicos pensavam que a terra tivesse a forma de um disco, o que significa que eles aproximaram-se mais da verdade dos fatos. Os quatro cantos da terra tornaram-se o símbolo de qualquer coisa *completa*, sendo esse um dos simbolismos do número quatro. Ver sobre *Quatro*.

QUATRO CAUSAS

Ver o artigo sobre *Aristóteles*, III.5, e o artigo geral sobre *Causa*.

QUATRO CAVALEIROS DO APOCALIPSE

Ver sobre **Cavalos, os Quatro do Apocalipse.**

QUATRO CONFINS DA TERRA

Sabemos que a terra não é chata e nem quadrada, pelo que o globo terrestre não tem cantos ou arestas em qualquer sentido. Porém, os antigos não sabiam disso, pelo que suas alusões aos quatro cantos da terra podiam ser feitas com seriedade, literalmente. Seja como for, a expressão significa a extensão da terra inteira. A expressão encontra-se em Isaías 11:12; Jó 37:3; 38:13 e Ezequiel 7:2. O trecho de Apocalipse 7:1 retrata quatro anjos, de pé sobre os quatro cantos da terra, segurando os quatro ventos. Isso refere-se a alguma forma de controle, porquanto se alguém controla esses quatro cantos, controla a terra inteira. Sabemos, por outras fontes informativas, que certos povos antigos chegaram a imaginar a terra na forma de um cubo. Os filósofos gregos jônicos (600 A.C.) modificaram a concepção, pensando ser a terra um disco; mas a maioria dos antigos, desde os tempos babilônicos, aceitava a idéia de que a terra tinha forma retangular, possuindo quatro cantos, portanto. O vidente, ao contemplar a terra do alto, viu a terra como um plano retangular. É óbvio que a visão que teve retratava o globo terrestre segundo essa antiga concepção sobre a forma da terra, mas isso em nada labora contra a fé, criando problemas somente para dois grupos de pessoas, os céticos e os ultraconservadores. É tolice pensar que os autores da Bíblia conheciam mais sobre questões científicas do que os seus contemporâneos. Quanto a explicações completas sobre o sentido dessa idéia, em Apocalipse 7:1, ver as notas expositivas do NTI, nesse ponto.

QUATRO DEDOS

Ver o artigo geral sobre **Pesos e Medidas**. Quatro dedos constituem a largura da mão, cerca de sete centímetros e meio, à altura da base dos dedos. A Vulgata Latina, diz *quartor digitis*, em Êxodo 25:25. Seis larguras da mão correspondem a um côvado. Uma largura extra da mão constituía o côvado referido em Ezeq. 40:5. Essa medida foi empregada para medir o equipamento do tabernáculo (Êxo. 25:25; 37:12), bem como no caso do templo em Jerusalém (I Reis 7:26; II Crô. 4:5). O termo foi usado metaforicamente para indicar a duração da *vida* de um homem, enfatizando a sua brevidade (Sal. 39:5; em nossa versão portuguesa, temos *palmos*, o que já não corresponde exatamente à medida hebraica, porque um palmo, para nós, representa cerca de 20 ou 22 centímetros).

QUATRO ELEMENTOS

Na filosofia pré-socrática, temos uma ampla discussão sobre a suposta origem dos elementos, que se derivariam, todos, de um elemento básico. Essa discussão teve prosseguimento entre os filósofos gregos posteriores. Os elementos básicos do universo, que, mediante modificações, segundo se pensava, transformar-se-iam em todas as qualidades físicas, seriam a terra, o ar, o fogo e a água. Cada um desses elementos básicos teria duas qualidades, como a terra (fria e seca); o ar (quente e úmido); o fogo (quente e seco), e a água (fria e úmida). A água, segundo se presumia, poderia ser modificada de modo a produzir todas as substâncias conhecidas, e havia filósofos que pensavam a mesma coisa no tocante aos demais elementos básicos.

Anaximandro não se satisfazia com essa classificação em quatro elementos fundamentais, supondo que os mesmos não fossem, realmente, básicos, porquanto derivar-se-iam do *apeiron* (que vide), o elemento mais básico de todos, que seria uma substância sem limites, infinita, indeterminada. Quanto a detalhes sobre essa discussão, ver os artigos sobre Tales de Mileto, Anaximandro, Anaximenes, Empédocles e Heráclito. Até hoje a ciência busca o elemento básico da natureza, e o estudo das partículas subatômicas é, atualmente, uma ciência independente e legítima. Suponho que a Mente é a base de tudo, que o átomo consiste na concentração de energias psíquicas. Se isso é verdade, então, dentro do âmbito da matéria, o homem jamais poderá descobrir o que é fundamental em toda a natureza. A resposta básica a essa questão é a pessoa de Deus; porém, uma vez que proferimos a palavra Deus, entramos no *tremendo mistério*, o que significa que já temos mais mistérios do que aqueles que tentamos resolver. Por conseguinte, a verdade é uma eterna aventura.

QUATRO LÍQUIDOS DO CORPO

Galeno, grande médico da antiguidade, acreditava que quatro fluídos do corpo humano precisam ser mantidos em equilíbrio, a fim de ser mantido o bem-estar físico e mental. Segundo ele, esses líquidos seriam o sangue, a cólera (ou bílis amarela), a fleuma e a melancolia (ou bílis negra). Essa doutrina foi capaz de continuar sendo adotada pela ciência até o século XVII. Formava a base da fisiologia e da clínica médica medieval. A lição que podemos aprender de crença assim, que finalmente são deixadas de lado, é que grande parte do nosso conhecimento continua sendo precisamente dessa natureza, total ou parcialmente falsa. Isso posto, ao abordarmos qualquer ponto do conhecimento humano, incluindo o conhecimento teológico, devemos estar dispostos a buscar e a aceitar os avanços, mas sempre reconhecendo que a verdade é uma inquirição, uma aventura eterna, e não algo que sejamos capazes de delinear de maneira completa, em qualquer período da história humana. Se pouco ou nada sabemos sobre esta vida, que dirá acerca da vida futura, mesmo no caso dos remidos! Mas, visto que ali o desenvolvimento espiritual nunca cessará, é de presumir que o nosso conhecimento também se expandirá cada vez mais, à medida que formos crescendo segundo a imagem e semelhança de Cristo. (Ver II Cor. 3:18).

QUATRO SERES VIVENTES

O simbolismo dos quatro seres viventes parece combinar o simbolismo que há nos livros de Ezequiel e Isaías. Os «querubins» de Ezequiel eram «quatro» em número, o que se verifica também em Apo. 4:6, no tocante aos «seres viventes». Mas a descrição recua às descrições babilônicas, onde aparecem gênios ou guardas com «quatro asas», na forma de um boi, de um leão, de um homem e de uma águia, tal como se vê em Apo. 4:7. Nos escritos judaicos, a função desses «seres» era a de sustentar a plataforma sobre a qual estava o trono de Deus, transformando-a em uma espécie de carruagem celestial. No trecho de Isa. 6:1-7, os «serafins» aparecem como seres celestes, de forma humana, mas com seis asas cada. Esses figuram perto do trono, como guardiães, a entoarem incessantemente: «Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos». Tanto os «querubins» de Ezequiel como os «serafins» de Isaías, tornaram-se figuras importantes nos escritos judaicos posteriores, e com freqüência eram vistos juntos, aliados aos «ofanins», uma personificação dos *olhos* nas rodas da visão celeste de

Ezequiel. Esses nunca dormiriam, mas guardam constantemente o trono de Deus e seus muitos olhos fazem essa vigilância ser completa e absoluta. Ver I Enoque 71:7 e 14:23. Em II Enoque 21:1, os querubins e serafins diziam ambos «Santo, santo, santo», *o tersanctus*. Abraão, no «sétimo céu», conforme é pintado no Apo. de Abraão 18, teria visto os *ofanins*, aqueles que a «tudo vêem», os seres dotados de muitos olhos (comparar com Eze. 1:18 e 10:12). Quatro eram os rostos de cada um deles, de leão, de homem, de boi e de águia, e cada qual estava equipado com seis asas. Essa obra judaica, que data mais ou menos da mesma época do Apocalipse canônico, mistura os querubins e serafins quanto à sua aparência e função.

Tendo acompanhado a origem desses símbolos, vemos claramente onde o vidente João obteve tais símbolos. Supomos que ele atribui a esses seres (provavelmente concebidos como seres literalmente celestiais) as mesmas funções que têm nos outros livros mencionados: seriam guardiães, sustentadores do trono de Deus, poderes celestiais e seres que prestam louvores celestes. O número «quatro» mui provavelmente envolve, de alguma maneira, os poderes dos céus, os poderes da terra, as quatro extremidades da terra e os quatro ventos. Cada um deles tinha apenas uma cabeça, ao passo que, nos antigos escritos judaicos, tinham quatro. O que se pensa acerca dessas cabeças (leão, boi, homem e águia) é explicado nas notas expositivas, em Apo. 4:7 no NTI. Além disso, incorporam em si mesmos a natureza dos *ofanins*, dotados de muitos olhos, indicando a «vigilância» perante o trono, visando a proteção do mesmo, bem como uma sabedoria geral, que a «tudo» vê, dotados por Deus de propósitos especiais. O vidente João nada apresenta de original em tudo isso, mas misturou figuras simbólicas antigas, sem dúvida bem conhecidas em seus dias, apesar de parecerem estranhas em nossa época, sobretudo para os que não dão atenção aos antigos escritos judaicos, como os livros apócrifos, pseudepigrafes e certas passagens apocalípticas do próprio A.T.

Sumário da identificação e significados dos seres viventes:

1. Seriam as quatro extremidades da terra ou os quatro ventos. Portanto, representariam poderes *terrenos*, agências divinas que controlam a terra. A «natureza animada» louva a Deus e cumpre as suas ordens. Os seres viventes simbolizam isso, embora não sejam idênticos a essas forças naturais.

2. Seriam os quatro signos do zodíaco, os poderes celestiais que têm poder sobre os céus e sobre a terra.

3. Seriam seres celestes literais, que realizam tarefas que lhes foram determinadas do alto.

4. Outros pensam que não seriam seres literais, mas meros «símbolos» do modo como Deus controla a tudo e dá glória a tudo. Os anjos batem suas muitas asas, e o movimento de ar e energia, assim produzido, embora não seja perceptível aos ouvidos terrenos ordinários, é a «música das esferas» das regiões espirituais.

5. Outras interpretações incluem os pontos seguintes: a. os quatro evangelhos; b. as quatro igrejas patriarcais; c. os quatro grandes apóstolos, que simbolizariam os ministros do evangelho; d. os mestres da igreja; e. as principais faculdades da alma humana, que conduzem o homem a Deus. Todas essas interpretações, apesar de terem algum valor, talvez relacionadas à idéia do texto sagrado, não são interpretações primárias.

6. Os «olhos» das rodas da visão de Ezequiel (ver Eze. 1:18 e 10:12) são aqui transferidos aos próprios seres celestiais, conferindo-lhes a propriedade da visão completa, que tudo sabem, possuidores de perfeita vigilância.

7. O autor sagrado fala através de símbolos místicos. Não sabemos dizer o quanto de tudo isso ele supunha aplicar-se aos seres celestiais propriamente ditos, ou se a inteira descrição meramente indica os vários poderes e as várias glórias de Deus, ou como seus atributos pessoais ou como qualidades delegadas a seus servos celestiais.

QUÉ

Qué é um antigo nome da porção leste da Cilícia, na parte suleste da Asia Menor. Um certo documento de Nabucodonosor II, de cerca de 595-570 A.C., menciona um lugar que se refere a essa região pelo nome de *Khuwe*. O nome também se acha na estela de Nabonido, em Estambul, e nos anais de Salmaneser III (858-824 A.C.), um dos reis da Assíria. Sabemos que Tiglate-Pileser III (744-727 A.C.) recebeu tributo do rei de Qué. Heródoto faz várias alusões a esse lugar. Ficava situado em uma importante rota comercial que ia desde os Portões Sírios, nas montanhas de Amano, até às cidades da Cilícia, na cadeia do Taurus. Era região famosa por seus excelentes cavalos, de onde Salomão os importava (I Reis 10:28; II Crô. 1:16). Em 103 A.C., a região, atualmente chamada Cilícia, tornou-se uma província romana. Foi governada por Cícero, em 51 A.C. Na época do imperador Vespasiano (72 D.C.), ela foi combinada com a Síria, sob uma única administração, pelo que Lucas e Paulo estão corretos, ao combinarem esses dois lugares, nas referências que fazem à região, em Atos 15:23,41 e Gál. 1:21. Ver o artigo sobre a *Cilícia*.

QUEBAR

No hebraico significa «comprimento». Era nome de um rio da Mesopotâmia, em cujas margens o rei Nabucodonosor implantou uma colônia de judeus, entre os quais achava-se o profeta Ezequiel (Eze. 1:1,3; 3:15). Esse tem sido identificado com o rio que os gregos denominavam Chaboras, atualmente chamado Khabour. Deságua no Eufrates, através da Mesopotâmia, sendo a única correnteza de qualquer volume que deságua naquele rio em Circésio. Alguns eruditos pensam que não se trata precisamente de um rio, mas de um canal feito pelos babilônios. É verdade que esses canais também eram chamados «rios». Um grande canal artificial, desviado do Eufrates, acima da cidade da Babilônia, fluía por quase cem quilômetros para suleste, através de Nipur, e, finalmente, desaguava de volta no Eufrates, perto de Ereque, segundo a arqueologia tem descoberto. Atualmente, está seco, após séculos de negligência. Dois tabletes descobertos pelos arqueólogos mencionam-no com o nome de *Naru Kabari*. A identificação desse rio, ou canal artificial, chamado Quebar, continua incerta. O que é certo é que Ezequiel teve suas primeiras visões ali (Eze. 1:1,3). Em cuneiforme babilônico, *naru* significa canal ou rio. Porém, a maioria dos eruditos rejeita a identificação com o rio que flui para dentro do Eufrates, em Circésio (Kierkesion). (S Z)

QUEBRA-JEJUM

No grego, *aristáo*, palavra que aparece somente em

Luc. 11:36 e João 21:12,15. No grego significava, originalmente, a primeira refeição do dia. Em latim, *prandere*. Jesus disse a seus discípulos, em uma de suas aparições pós-ressurreição: «Vinde, comei» (João 21:12. No grego diz: «Vinde, tomai o desjejum»). Posteriormente, os gregos usavam esse vocábulo para indicar o almoço, tomado ao meio-dia. Mais tarde ainda, a palavra passou a ser usada para indicar qualquer refeição, o que é refletido em alguns trechos do Novo Testamento: Mat. 22:4; Luc. 11:37; 14:12. Ou então, nos escritos de Josefo (*Anti.* 6.362,8). (A)

QUEDA DE SATANÁS Ver **Satanás, Queda de.**

QUEDA DO HOMEM NO PECADO

Ver o artigo sobre **Origem do Mal**, especialmente seções III, IV e V.

QUEDA E RESTAURAÇÃO DE ISRAEL

Como a Entrada da Igreja, na Economia Divina, Afeta Israel

O anelo de Paulo pela salvação de Israel, Rom. 9:1-5.

Os capítulos nono a décimo primeiro de Romanos constituem uma seção inteiramente distinta do resto dessa epístola. Poderíamos eliminá-los dessa epístola sem que houvesse hiato apreciável, porquanto a seção prática, que se inicia no décimo segundo capítulo da mesma pode ser facilmente vinculada à seção dos capítulos primeiro a oitavo. Os capítulos nono a décimo primeiro, por conseguinte, apresentam-nos um aspecto especial do que está implícito no evangelho apresentado pelo apóstolo Paulo. Assim, pois, se o evangelho se alicerça na graça divina, e não dentro do conceito da legalidade mosaica, e se o evangelho agora é exposto a todos os homens, sem qualquer distinção, onde é que Israel, e as promessas que lhe foram feitas como nação, cabem dentro do quadro?

O aparecimento do cristianismo criou dois problemas principais para o sistema teológico judaico. O primeiro deles é que embora alguns trechos bíblicos *antecipassem um Messias* que ao mesmo tempo seria o *Servo Sofredor* de Jeová, isso era proclamado pelos eruditos judeus somente em casos isolados. Pelo contrário, o Messias da concepção judaica era sempre um rei e líder militar triunfante, inteiramente diferente da figura de Jesus de Nazaré, que teve uma morte vergonhosa, para então desaparecer sem deixar qualquer vestígio, em que suas «profecias sobre o reino» ficaram todas sem cumprimento aparente. É verdade que a idéia da expiação pelo pecado não era desconhecida para os judeus, especialmente em face do fato de que eles possuíam um completo sistema de sacrifícios simbólicos, mas, por outro lado, os judeus jamais vincularam essa doutrina com o ministério do Messias, e, sobretudo, com a idéia de que essa sua «morte expiatória» tomaria o lugar de todo o intricado sistema de sacrifícios legais. Portanto, foi deixado aos cristãos defenderem esse tipo de Messias.

Além disso, havia o problema de como situar a nação de Israel dentro da nova dispensação cristã. Deve-se pensar que todas aquelas profecias encontradas no A.T., que se aplicavam especificamente a Israel como nação, agora possam ser facilmente lançadas no olvido, sem serem jamais cumpridas, mesmo que essa nação tenha ficado cega e desobediente? A resposta dada pelo apóstolo Paulo a tal indagação é que essas promessas e profecias não podem ficar sem cumprimento, porque, finalmente, Deus trará de volta a nação de Israel, pois a própria atual dispensação da graça, entre seus diversos outros aspectos, é também uma maneira de provocar a nação de Israel à emulação, servindo de meio de sua final restauração.

Nos primeiros oito capítulos da epístola aos Romanos, Paulo demonstrou que todos os povos, judeus e gentios igualmente, são pecadores, extremamente necessitados da graça de Deus. Essa graça divina vem por intermédio de Cristo, e todos os povos, sem qualquer distinção, estão sujeitos à ira divina ou à salvação divina, dependendo do que cada indivíduo tiver feito com relação a Cristo, rejeitando-o ou aceitando-o. Assim todas as barreiras nacionais foram eliminadas em Cristo. E o grande alvo do destino humano é a transformação dos remidos segundo a imagem de Cristo, o que será realizado inteiramente à parte de qualquer distinção de classe ou nacionalidade. Tais doutrinas parecem eliminar qualquer vantagem distintiva possuída pela nação de Israel, pois a igreja cristã não é agora o verdadeiro Israel? Sim, é verdade, mas isso não significa que não haverá mais lugar algum para o cumprimento daquelas antigas profecias relativas ao futuro de Israel. De fato, com o tempo, «*...todo o Israel será salvo*» (Rom. 11:26,27).

Os capítulos nono a décimo primeiro de Romanos, portanto, de certo modo, apresentam o passado, o presente e o futuro de Israel, em que o nono capítulo expõe principalmente o passado, o capítulo décimo mostra-nos principalmente o presente, e o capítulo décimo primeiro fala sobretudo sobre o futuro dessa nação, embora apareçam versículos, aqui e acolá, que não cabem bem dentro desse quadro. Abaixo oferecemos os elementos essenciais da discussão apresentada por Paulo sobre a natureza e o destino da nação de Israel, agora que um novo sistema religioso revelado — o cristianismo — se adiantou para o primeiro plano, tendo tomado o lugar, por assim dizer, que a nação israelita antes desfrutara, como veículo especial da verdade de Deus:

1. A nação de Israel deveria continuar sendo evangelizada, não sendo negligenciada, somente porque rejeitou ao Messias, Jesus Cristo (ver Rom. 9:1-3).

2. Os judeus desfrutaram dos *elevados privilégios* da verdade divina, mas os verdadeiros filhos de Abraão são aqueles que se caracterizam pela fé, os quais também são piedosos segundo a eleição da graça, o que tem tanto um aspecto individual como um aspecto nacional. (Ver Rom. 9:4-13).

3. A despeito da falha aparente da verdade de Deus em Israel, desde que o Messias foi rejeitado pelos judeus, podemos confiar que o princípio do senhorio de Deus, que opera tudo segundo sua boa vontade, não cairá por terra frustrado. (Ver Rom. 9:14-24).

4. A cegueira da nação israelita não surpreendeu ao Senhor Deus, pois, na realidade, isso já fora motivo de profecias antigas, fazendo parte dos propósitos especiais de Deus. (Ver Rom. 9:25-33).

5. Israel se caracteriza por certo zelo religioso, embora esse zelo se alicerce sobre um falso senso de auto-importância, e não sobre Deus; e isso resultou na rejeição do próprio Messias. (Ver Rom. 10:1-4).

6. Moisés apontou para Cristo, não havendo nenhuma fórmula *secreta* de salvação que requeira nossa pesquisa em lugares estranhos, a fim de encontrá-la. (Ver Rom. 10:5-8).

7. No presente, tanto para os judeus como para os

gentios, a salvação é oferecida com base nas mesmas considerações, isto é, arrependimento e fé em Cristo, o que leva o indivíduo a invocar o nome do Senhor, pedindo-lhe a salvação. (Ver Rom. 10:9-13).

8. Essa *invocação de seu nome* requer que evangelistas fiéis anunciem a mensagem sobre Cristo. (Ver Rom. 10:14,15).

9. Não obstante, Isaías previu a *dureza* de coração e a desobediência da nação de Israel para com o seu próprio Messias; e Moisés já havia predito que aqueles que não são *povo* (os gentios) finalmente adquiririam elevados privilégios espirituais, provocando a inveja de Israel. E o profeta Isaias também se referiu a esse aspecto, porquanto Deus seria encontrado por aqueles que «não buscavam» por ele, ao mesmo tempo em que Deus seria encontrado a estender suas mãos a um povo desobediente e profano — Israel. (Ver Rom. 10:16-21).

10. Contudo, até mesmo agora há um remanescente, um *Israel espiritual*, o qual tem sido preservado na igreja cristã através da eleição da graça, de tal modo que, apesar da maioria dos judeus ter permanecido na ignorância e na dureza de coração, o evangelho não tem sido pregado em vão para Israel. (Ver Rom. 11:1-6).

11. A nação de Israel foi *judicialmente cega* em face de sua incredulidade, ao passo que os gentios são levados aos pés de Cristo, com o propósito de emular os judeus, provocando-os ao ciúme, na esperança do resultado final do arrependimento. — A plenitude das riquezas dos gentios em Cristo é que, finalmente, provocará a plenitude de Israel. (Ver Rom. 11:7-12).

12. Os gentios não devem ser complacentes, pois se os ramos naturais foram arrancados da oliveira, quanto mais serão arrancados os ramos da oliveira brava que tiveram sido enxertados, se porventura seguirem a vereda da apostasia que Israel havia escolhido. (Ver Rom. 11:13-22).

13. Contudo, o quadro *não é* desesperador, no que concerne à nação de Israel, porquanto Deus é capaz de enxertá-los novamente em sua árvore natural. (Ver Rom. 11:24).

14. A cegueira da nação de Israel, em sua totalidade, é um profundo *mistério* da vontade de Deus, o que tem, como um de seus propósitos, a salvação dos gentios. Porém, quando estiver completo o número de gentios que deverão ser salvos, então *todo* o Israel virá a Cristo, e então se cumprirão as promessas nacionais feitas a Israel, que são tão proeminentes nas páginas do A.T. Muitos antecipam tais acontecimentos para os fins do século XX, quando Israel, atacado por todos os lados por adversários extraordinariamente numerosos e impossíveis de derrotar, será livrada por alguma *intervenção divina*, em que os seus opressores serão julgados por Deus. Quando Israel for assim libertada, haverá de reconhecer nisso a mão do Messias, e, como nação, Israel se tornará verdadeiramente cristã. Isso é predito não somente pelas profecias das Escrituras, mas também é a afirmação das visões dos místicos, através de todos os séculos, e até mesmo no presente.

15. Essa restauração de Israel se dará de conformidade com o antigo pacto estabelecido entre Deus e essa nação, quando Deus houver usado de misericórdia para com todos os povos, visto que encerrou a todos sob a incredulidade, a fim de que também pudesse usar de misericórdia para com todos. Por esse motivo, grande é o louvor com que exaltamos o nosso Deus, pois *dele, através dele e para ele* são todas as coisas, e a glória lhe pertence para sempre. (Ver Rom. 11:27-36).

Ver o artigo separado sobre a **Restauração de Israel** para uma declaração mais completa sobre esse assunto.

QUEDAR

No hebraico, «poderoso». Esse é o nome de um homem e o nome da tribo que dele descendia, nas páginas do Antigo Testamento:

1. Um dos filhos de Ismael, filho de Abraão e Hagar. Viveu em torno de 1840 A.C. Ele é mencionado somente em Gên. 25:13 e I Crô. 1:29. Há quem pense que a palavra hebraica significa «negro» ou «moreno», uma referência aos efeitos da radiação solar sobre a pele das pessoas que habitam em lugares desérticos, como é o caso do sul da Arábia, onde vivem os beduínos. Parece que isso é refletido em Cantares 1:5, onde a «esposa» diz que é «...morena... como as tendas de Quedar...» Seja como for, quando o filho de Ismael recebeu esse nome, a razão disso não deve ter sido essa coloração da tez.

2. Nome de uma tribo nômade de ismaelitas, que, em suas perambulações, iam até o golfo Elanítico. Porém, no Antigo Testamento o termo é usado em sentido genérico para indicar as tribos árabes (beduínos) como se vê em Can. 1:5; Isa. 21:16,17; 42:11; 60:7; Jer. 2:10,49; Eze. 27:21. No trecho de Salmos 120:5, Quedar e Mesque referem-se, metaforicamente, a certas tribos bárbaras. Os povos nômades assim referidos trabalhavam como negociantes e criadores de ovelhas. Os seus numerosos rebanhos, seus camelos e suas tendas, são mencionados em Isaías, Jeremias e Ezequiel. Alguns deles eram ferozes e temidos guerreiros (Jer. 2:10). Isaías predisse o julgamento de Quedar (21:6), bem como Jeremias (49:28,29), dando a entender que seriam destruídos por Nabucodonosor.

Após o castigo que esse povo sofreu, às mãos de Assurbanipal e Nabucodonosor, eles diminuíram drasticamente em número, e, finalmente, foram assimilados por outras tribos árabes. As inscrições assírias mencionam-nos em seus conflitos com Assurbanipal. Muitas descobertas arqueológicas confirmam a importância de Quedar, em relação ao povo de Israel. Sabemos que a nona campanha de Assurbanipal foi dirigida contra Quedar. Gesém era um dos reis de Quedar na oportunidade. Também havia quedaritas estacionados na fronteira leste do Egito, que talvez tivessem sido deixados ali propositalmente pelos persas.

Os hagiógrafos islâmicos, ao reconstituírem a genealogia de Maomé, fazem-no descendente de Abraão e de Ismael por meio de Quedar.

QUEDEMÁ

No hebraico, «oriental». Um filho de Ismael, referido em Gên. 25:15 e I Crô. 1:31, e que deu nome à tribo da qual ele era o ancestral e chefe. Ele aparece como o filho mais novo de Ismael. Viveu em torno de 1820 A.C.

QUEDEMOTE

No hebraico, «regiões orientais». Nas páginas do Antigo Testamento aparece como um deserto e uma cidade, a saber:

1. Um deserto na região leste do território de Rúben, perto do rio Arnon, referido somente em Deu. 2:26.

2. Uma cidade do território de Rúben, entregue aos levitas, perto de Jaza e Mefaate, referida em Jos.

13:18; 21:37 e I Crô. 6:79. Dali foi que Moisés enviou mensageiros a Seom, rei de Hesbom (Deu. 2:26), pacificamente, para solicitarem passagem através de seu país. Quando da conquista da Terra Prometida, a cidade foi dada à tribo de Rúben, cabendo aos levitas meraritas. Tem sido identificada com a moderna Qasr ez Za'feran, cerca de treze quilômetros a nordeste de Dibom.

QUEDES

No hebraico, «santa», «santuário». Nada menos de quatro cidades receberam esse nome, nas páginas do Antigo Testamento, talvez por estarem associadas a antigos santuários:

1. Havia uma cidade murada com esse nome, no território de Naftali (Jos. 19:35-38). Havia sido uma cidade real dos cananeus. Tornou-se cidade levítica e de refúgio (que vide) (Jos. 20:7; 21:32). Baraque nasceu nesse lugar (Juí. 4:6). Ela aparece como uma das cidades de Naftali que Tiglate-Pileser conquistou, e cujos habitantes foram levados para a Assíria, durante o reinado de Peca (II Reis 15:29). No período intertestamentário, foi a cena de uma grande batalha havida entre os Macabeus e Demétrio (I Macabeus 9:63). Tem sido identificada com o moderno Tell Qades, a noroeste do lago Hulé.

2. Uma cidade do território de Issacar, doada aos levitas gersonitas (I Crô. 6:72). Ali um rei foi morto por Josué, sendo ela mencionada como uma das cidades do norte (I Crô. 12:22). O sexto capítulo de I Crônicas menciona tanto a Quedes de Naftali quanto a Quedes de Issacar (vss. 72 e 76). Na lista paralela de Josué 19:20, o nome Quisiom aparece, podendo ser uma outra forma do mesmo nome, e que pode ter sido assim chamada devido à sua proximidade de um rio com esse nome. O trecho de Juízes 4:11 afirma que Heber, o queneu, mudara-se para as vizinhanças de Quedes. Posteriormente, Sísera, ao fugir da batalha na qual foi derrotado, entrou na tenda de Heber, onde foi morto pela esposa deste, Jael (Juí. 4:17). Se ele tivesse fugido para Quedes da Galiléia, no território de Naftali, então teria tido de correr por mais de sessenta e cinco quilômetros! Portanto, deve ter havido uma outra Quedes, mais próxima.

3. Uma cidade de Judá (Jos. 15:23), que alguns estudiosos têm identificado com Cades-Barnéia (que vide). Ficava localizada perto da fronteira com Edom. Ficava próxima de Hazor e Itnã.

4. Alguns pensam ter havido uma outra Quedes, mencionada em Juí. 4:6,9-11, nas proximidades de onde estava o carvalho de Zaanim. Para ali é que Sísera teria fugido, quando de sua derrota militar às mãos das tropas comandadas por Débora e Baraque. Lemos em Juí. 4:17 que Sísera «fugiu a pé para a tenda de Jael, mulher de Heber, queneu». Ver sobre a segunda Quedes, acima, que ficava a mais de sessenta e cinco quilômetros de distância do local da batalha. Essa distância é que tem levado alguns estudiosos a postularem a existência de uma quarta Quedes, mencionada somente nessas citadas referências.

QUEDORLAOMER

O rei de Elão, líder dos três reis que invadiram Canaã na época de Abraão (Gên. 14:4). No relato de Gênesis, aprendemos que Abraão veio de Ur dos caldeus; e, através de Harã, chegou à Palestina. Ali ele cuidou de seus rebanhos de gado e ovelhas, e recuperou os despojos que tinham sido tomados das cidades da planície. Também no livro de Gênesis, somos informados sobre os atos de Quedorlaomer, no tocante a Abraão. Ele era o rei de Elão, um país a leste da Babilônia, no fundo do golfo Pérsico (Gên. 14:1,4,5). Ele aliou-se a três outros reis a fim de combater contra os cinco reis da região do mar Morto. Quando os governantes de Sodoma, Gomorra, Admá, Zeboim e de Zoar libertaram-se de sua hegemonia, ele tentou esmagar toda a resistência. Abraão entrou em conflito com ele, quando teve necessidade de libertar Jó, que fora levado como prisioneiro. Até agora, todas as tentativas para identificar esse homem com figuras históricas conhecidas, têm fracassado. A identificação com Hamurabi (cerca de 1700 A.C.) não é mais mantida. Pelo menos, podemos datá-lo como pertencente ao século XXI A.C.

1. *O Nome.* A primeira parte desse nome, *kudu* ou *kuti*, é a palavra elamita que significa «servo». Nas combinações, usualmente esse nome era vinculado ao nome de alguma divindade. A segunda parte do nome *lao'omer*, talvez seja uma referência à deusa Lakamar, que aparece nos textos acádicos de Agada, bem como no registro em babilônico antigo (Mari). O nome é próprio ao período de cerca de 2000-1700 A.C.

2. *Circunstâncias Históricas.* Coligações políticas, como aquela descrita no livro de Gênesis, referentes a esse homem, são refletidas nos textos cuneiformes do segundo milênio A.C. Porém, têm falhado todas as tentativas de identificação específica. Alguns tentam identificar esse homem com os chamados tabletes de Quedorlaomer, existentes no museu Britânico e pertencentes ao século VII A.C. Ali, o rei de Elão é chamado Ku.Ku.Ku.Mal. Alguns estudiosos pensam que isso representa quatro reis, não um só, cada qual representando diferentes *períodos* de quatro diferentes regiões do mundo, a saber: a Babilônia (sul); o Elão (leste); a Assíria (norte); e Goim (oeste). Se isso é verdade, então o décimo quarto capítulo de Gênesis é uma Midrash (que vide). (ID S UN Z)

QUEDROM

Uma cidade nunca mencionada com esse nome nos livros canônicos da Bíblia. Figura, porém, em I Macabeus 15:39-41 e 16:9. Ficava localizada entre Jamnia e Modin, tendo sido fortificada por Cendebeu, por ordem de Antíoco VII, da Síria, a fim de ser usada quando da invasão da Judéia, durante os dias de Simão Macabeu. Dali era possível controlar várias estradas que penetravam na Judéia. Talvez seja a mesma Gederá, mencionada em Jos. 15:36, a qual se chama, em nossos dias, Qatra.

QUEELATA

No hebraico, «convocação». Foi um dos acampamentos de Israel no deserto, a respeito do qual nada mais se sabe, além de seu nome (Núm. 33:22,23).

QUEFAR-AMONAI

No hebraico, «vila dos amonitas». Um lugar mencionado entre as cidades de Benjamim (Jos. 18:24). O local da mesma é desconhecido. O nome relembra-nos as invasões dos amorreus, nas ravinas que começam às margens do Jordão e daí vão subindo até às terras altas do território de Benjamim.

QUEFIRA

Uma cidade dos gibeonitas, entregue à tribo de Benjamim (Jos. 9:17 e 18:26). Parece ter sido uma vila dos heveus. A cidade continuava a existir após o cativeiro babilônico (Esd. 2:25; Nee. 7:29). Estava

localizada no lugar chamado Khirbet el-Keireh, acerca de três quilômetros ao norte de Quriate el Inabe, na estrada de Jerusalém a Jope, cerca de treze quilômetros a oeste-noroeste de Jerusalém.

QUEIJO

No hebraico temos duas palavras envolvidas:

1. *Gebinah*, «coalhada». Essa palavra aparece somente em Jó 10:10.

2. *Shaphah*, «queijo de vaca». Palavra que também só é usada por uma vez, em II Sam. 17:29.

Também é usada uma expressão hebraica, em I Sam. 17:18, que significa *fatias de queijo*. Não há outras menções ao produto em toda a Bíblia.

O uso da palavra, no livro de Jó, é figurado, falando sobre a formação do feto no ventre materno. Homero, em *Odi.* 9, dá-nos alguma idéia da preparação do produto na área do mar Mediterrâneo, mencionando como o leite era deixado pendurado em odres e peles de cabra, provavelmente um dos estágios de sua fabricação. A água era drenada, permitindo que o coalho fosse pressionado, para formar uma massa. Não há razão alguma para supormos que a preparação do queijo fosse diferente, em Israel, do que em qualquer outro lugar. No Oriente, o queijo geralmente tinha o formato de um bolo pequeno. O produto terminado era posto em cestos pequenos, feitos de junco ou de folhas de palmeira, que então eram amarrados e tomavam a forma de saquinhos. O vale Tiropeano, em Jerusalém, é o equivalente grego de «vale dos fabricantes de queijo», por ter sido o grande centro de fabricação de queijo em Israel. Sabe-se que o queijo era um item importante da dieta dos judeus. A Mishnah requeria que os israelitas só comessem queijo fabricado por israelitas, essencialmente por temor que o queijo dos pagãos tivesse sido fabricado com o leite de algum animal oferecido aos ídolos.

QUEILA

No hebraico, «cercada». Uma cidadela no território de Judá (Jos. 15:44). Ficava cerca de trinta e dois quilômetros a sudoeste de Jerusalém. Nos dias de Davi, essa cidade foi cercada pelos filisteus. Davi dirigiu-se à mesma, a fim de libertá-la dos filisteus, mas seus ingratos habitantes tê-lo-iam entregue a Saul, se ele não tivesse escapado dali (I Sam. 23:1-13). Esse lugar é mencionado nas cartas de Tell el-Amarna com o nome de Qilti. Os exércitos passavam por Queila, na direção do Egito ou vindos de lá, conforme o demonstram as cartas dos príncipes de Jerusalém e Hebrom a Aquenaton, Faraó do Egito. Após o exílio babilônico, o lugar foi novamente ocupado pelos judeus, e alguns deles participaram da reconstrução das muralhas de Jerusalém, sob Neemias (Nee. 3:17,18). Há tradições que dizem que o profeta Habacuque foi sepultado ali. Tem sido identificada com a moderna Khirbet Qila, cerca de quinze quilômetros a noroeste de Hebrom.

QUEILA (ABIQUEILA)

Em nossa versão portuguesa esse foi o nome de um descendente de Calebe, filho de Jefoné, mencionado em I Crô. 4:19. Ele é chamado «garmita», um patronímico que significa «forte» ou «ossudo». Seu pai é dado como Naum, da tribo de Judá. Entretanto, esse versículo, em nossa versão portuguesa, está com alguma falha, pois dá a impressão de que Abiqueila, o garmita, e Estemoa, o maacatita, eram filhos da mulher de Hodias, o que, convenhamos, é uma frase muito estranha, dando a impressão que, ao casar-se com Hodias, já tinha esses dois filhos. Na verdade, o trecho é confuso até mesmo no hebraico. Várias traduções em inglês têm procurado encontrar a solução para a obscuridade. Talvez a melhor seja a tentativa da Berkeley Version, da Zondervan Publishing House (1960), que diz, vertendo aqui o versículo para o português: «A esposa de Hodias era a irmã de Naã, e os filhos dela, um de Gerém e o outro de Maacá, foram os ancestrais, respectivamente, de Queila, o garmita, e de Estemoa, o maacatita». O hebraico, a Septuaginta e as versões inglesas que pude examinar dizem *Queila*, nesse versículo. As versões portuguesas variam entre *Queila* e *Abiqueila*.

QUEIXO

Ver sobre **Maxilar, Osso Maxilar**.

QUELAÍAS

No hebraico, «insignificante». Mas outros estudiosos preferem «Yahweh é luz». Esse foi o nome de um levita, que precisou divorciar-se de sua esposa estrangeira, após retornar do cativeiro babilônico (Esd. 10:23). Ele também é mencionado em I Esdras 9:23, onde é chamado Quelita. Esse nome também se acha em Neemias 8:7; 10:10 e I Esdras 9:48, mas não há certeza se a mesma pessoa está em foco. Viveu em torno de 450 A.C.

QUELAL

No hebraico, «perfeição». Esse nome, que só aparece em Esd. 10:30, indicava um dos oito filhos de Paate-Moabe, um homem que tomara esposas estrangeiras e precisou divorciar-se delas, quando terminou o cativeiro babilônico, ao voltar a Israel (cerca de 458 A.C.)

QUELEANOS

Um povo cuja identidade é desconhecida. De acordo com Judite 2:23, eles viviam ao norte dos ismaelitas, mas, o termo é tão vago que deixa os estudiosos em dúvida. Talvez devessem ser vinculados à moderna el-Khalle, antiga Cholle, que ficava situada entre Palmira e o rio Eufrates. Outros eruditos, porém, localizavam-nos ao norte das tribos ismaelitas, os quais viviam na parte oriental da Palestina, perto do deserto da Arábia, ainda que outros os façam habitantes da cidade chamada *Quelus* (que vide).

QUELITA

Ver sobre **Quelaías**.

QUELODE

Os filhos de Quelode encontravam-se entre aqueles que obedeceram à convocação de Nabucodonosor para fazer guerra contra Arfaxade (Judite 1:6). Essa palavra evidentemente é uma corrupção, talvez um apelido dado aos sírios, chamados «filhos das toupeiras» (*kholed*).

QUELUBE

No hebraico, «gaiola» ou «cesto». Nome de dois personagens da Bíblia, a saber: 1. O irmão de Suá e

pai de Meir, da tribo de Judá (I Crô. 4:11). 2. O pai de Ezri, que era jardineiro de Davi (I Crô. 27:26), em cerca de 1000 A.C. O nome pode ser uma variação de Calibe.

QUELUÍ

Nome de sentido desconhecido no hebraico, mas talvez relacionado à raiz *klh*, «completo». Era nome de um levita, filho de Bani, homem que tomara esposa estrangeira enquanto estava no cativeiro, mas que, posteriormente, foi obrigado a divorciar-se dela (Esd. 10:35). O nome não aparece no paralelo de I Esdras 9:35.

QUELUS

Um lugar para além do Jordão, para onde Nabucodonosor enviou uma convocação, recrutando homens para irem à guerra (Judite 1:9). Ficava situado a sudoeste de Jerusalém, perto de Betânia, ao norte de Cades, às margens do rio do Egito. Atualmente tem sido identificado com a moderna Khalasa, ao sul de Berseba, em uma importante estrada que ia na direção sul, de Jerusalém ao Egito, e na rota de caravanas entre Gaza e Edom.

QUEMARIM

A palavra hebraica, de sentido desconhecido, aparece somente por duas vezes, em II Reis 23:5 e em Osé. 10:5. Algumas traduções transliteram essa palavra, por não se saber o que ela significa. Nossa versão portuguesa a traduz por «sacerdotes», na primeira dessas referências e por «sacerdotes idólatras», na segunda. O Antigo Testamento só aplica essa palavra à idéia de sacerdotes idólatras. É possível que o vocábulo esteja relacionado à raiz aramaica *kumra*, que pode ser aplicada a qualquer tipo de sacerdote, bom ou mau. Porém, no Antigo Testamento, o termo sempre se reveste de um sentido negativo, como os sacerdotes dos lugares altos (II Reis 23:5), os que serviam ao bezerro de ouro, em Betel (Osé. 10:5), e os sacerdotes de Baal, em Sof. 1:4.

QUEMUEL

No hebraico, «assembléia de Deus» ou «Deus levanta-se». Esse foi o nome de três personagens do Antigo Testamento:

1. O terceiro filho de Naor, irmão de Abraão, o qual foi pai de seis filhos, o primeiro dos quais chamava-se Arã, e o último, Betuel (Gên. 22:21,23). Todas essas pessoas são de história desconhecida, exceto o último desses homens, o qual foi pai de Labão e Rebeca (Gên. 24:15). Arã foi o nome próprio que Quemuel deu a seu primogênito, mas, visto que no hebraico também significa «Síria», alguns intérpretes, erroneamente, têm pensado que os sírios descendem dele. A Síria, entretanto, já constituía um povo quando esse homem nasceu, 1800 A.C.

2. Um filho de Siftã, líder da tribo de Efraim. Foi um dos doze homens nomeado por Moisés para dividir a Terra Prometida entre as tribos (Núm. 34:24). Viveu em torno de 1170 A.C.

3. Um levita, pai de Hasabias, o qual era príncipe da tribo de Levi, na época de Davi (I Crô. 27:7). Viveu em cerca de 1000 A.C.

QUENÃ

No hebraico, «fixo», ou então, na opinião de outros, «adquirido» ou «gerado». Foi pai de Enos, pai de Maalalel (Gên. 5:9; I Crô. 1:2). Esse nome corresponde a Cainã, uma forma que se encontra na genealogia de Jesus, em Luc. 3:36. O texto hebraico, conforme contamos com ele, não inclui esse nome, mas aparece na Septuaginta, em Gên. 5:24 e 11:12. Por essa razão, alguns estudiosos pensam que esse nome foi uma adição feita na Septuaginta, embora também apareça no texto do evangelho de Lucas. Porém, não há qualquer evidência textual objetiva para tal conjectura.

QUENAANÃ

No hebraico, «chato» ou «baixo». Nome de dois homens que figuram nas páginas do Novo Testamento, a saber:

1. Um filho de Bilã, um descendente de Benjamim, cabeça de uma casa benjamita (I Crô. 7:10), provavelmente da família dos belaitas (cerca de 1020 A.C.).

2. Pai ou antepassado de Zedequias, um falso profeta, o qual encorajou Acabe a subir contra Ramote-Gileade (I Reis 22:11,24 e II Crô. 18:10,23), em cerca de 896 A.C. Entretanto, alguns estudiosos pensam que esses dois homens na realidade eram uma só pessoa.

QUENANI

No hebraico, «feito ou nomeado por Yahweh». Era nome de um levita que oficiou quando da solene purificação do povo, sob Esdras (Nee. 9:4), em cerca de 459 A.C.

QUENANIAS

No hebraico, «bondade de Deus». Esse é o nome de dois homens do Antigo Testamento:

1. Um mestre dos músicos do templo, que conduzia os cultos musicais quando a arca foi removida da casa de Obede-Edom para Jerusalém (I Crô. 15:22). A Bíblia de Jerusalém empresta a ele um ofício mais amplo, fazendo-o também diretor do transporte (vs. 27) e um profeta do templo (vs. 22).

2. Um jizarita que, com seus filhos, cumpria deveres fora do templo de Jerusalém, como oficiais e juizes que eles eram (I Crô. 26:20; Nee. 11:16).

QUENATE

No hebraico, «possessão». Esse era o nome de uma cidade de Manassés, do outro lado do rio Jordão. Foi conquistada dos amorreus por Noba, tendo recebido, posteriormente, o nome desse homem (Núm. 32:42). Mais tarde, foi recapturada por Gesur e Arã (I Crô. 2:23). Tornou-se uma das cidades da Decápolis (que vide), quando então recebeu o nome de Canata. Foi nesse lugar que Herodes, o Grande, foi derrotado pelos arabaianos (Josefo, *Guerras* 1:19,2). Tem sido identificada com a moderna Qanawat, a pouco menos de vinte e sete quilômetros a nordeste de Bostra. Os arqueólogos têm feito ali muitas escavações, com muitos resultados positivos, especialmente nas camadas referentes ao período greco-romano. O número de edifícios em ruínas, ali encontrados, é considerável.

QUENAZ

No hebraico, «caçador». Outros preferem o sentido «flanco». Essa é uma forma singular do clã, «quenezeu» (que vide). Há três homens com esse

nome, no Antigo Testamento:

1. Um filho de Elifaz, neto de Esaú (Gên. 36:11; I Crô. 1:36), que foi um dos líderes dos idumeus (Gên. 36:15). Viveu em torno de 1740 A.C.

2. Um dos irmãos mais novos de Calebe (Jos. 1:13), pai de Otoniel, que foi um dos juízes de Israel (Jos. 15:17; Juí. 3:9). Viveu em cerca de 1490 A.C.

3. O filho de Elá, neto de Calebe (I Crô.). Viveu em cerca de 1400 A.C.

QUENEUS

No hebraico, «ferreiro», «trabalhador em metais». Esse povo é mencionado por treze vezes no Antigo Testamento: Gên. 15:19; Núm. 24:21,22; Juí. 1:16; 4:11,17; 5:24; I Sam. 15:6; 27:10; 30:29 e I Crô. 2:55. A palavra pode referir-se ao nome do clã quenita. No hebraico, o nome é equivalente ao de Caim, filho primogênito de Adão, embora não haja razões para vincularmos um nome ao outro, como se os queneus fossem descendentes de Caim. Esses pereceram no dilúvio, e a terra foi repovoada pelos descendentes de Noé, que era descendente de Sete. Em Números 24:22 é proferido um juízo divino contra esse clã, embora vivessem fortemente protegidos por suas rochas e montanhas. Eles estavam muito reduzidos em número nos dias de Saul (I Sam. 15:6). Tiglate-Pileser, rei da Assíria, quando exilou o povo da Síria, levou o povo desse clã juntamente com os sírios (II Reis 16:9).

Em nossa versão portuguesa, «Caim» é também o nome de uma cidade localizada perto de Hebrom, no território de Judá (Jos. 15:57). Em outras versões, o nome dessa cidade é «Queneu». Ela tem sido tentativamente identificada com a Khirbet Yaquin, a suleste de Hebrom. A Septuaginta não menciona o lugar, pelo que, nesse trecho, esta versão dá nove cidades, em vez de dez..

Originalmente, os queneus eram uma tribo midianita (Núm. 10:29). Ao que parece, eles trabalhavam com metais, conforme o nome indica, no hebraico. Nas regiões por eles habitadas, segundo os arqueólogos têm demonstrado, há minas e fundições de cobre. O nome aparece pela primeira vez em Gên. 15:19, indicando os habitantes cananeus da Palestina, nos tempos patriarcais. Uma das áreas habitadas era a faixa que acompanha as costas marítimas do Mediterrâneo, a sudoeste de Hebrom (Juí. 1:16), embora eles também fossem conhecidos como nômades. Hobabe, o filho de Reuel, sogro de Moisés, era queneu (Êxo. 2:18). Moisés convidou seu sogro para acompanhá-lo como guia dos israelitas, em face de sua grande experiência como nômade (Núm. 10:29).

Os queneus também ocupavam a área atual do wadi Arabah (Núm. 24:20-22), no que veio a ser o território de Naftali (Juí. 4:11). Nos tempos de Davi e Salomão, eles foram mencionados em associação a Judá (I Sam. 15:6; 27:10). Heber, mencionado em Juí. 4:11 e 5:24, era queneu, e os ascetas recabitas, de I Crô. 2:55, pertenciam a essa tribo.

Os queneus acompanharam a tribo de Judá à herança deles (Juí. 1:16; I Sam. 27:10). Foram poupados por Saul, e sua guerra contra os amalequitas (I Sam. 15:6). Davi cultivava a amizade deles (I Sam. 30:29). As aldeias de Jezreel e Carmelo são mencionadas juntamente com a cidade de Caim, em Jos. 15:55, e duas das esposas de Davi vieram dessas aldeias. Por essa razão, alguns supõem que essas mulheres eram quenitas, embora não há evidências conclusivas quanto a essa conjectura. Com base em I Samuel 30:26-31, alguns estudiosos chegam a pensar que o próprio Davi era queneu, porquanto os queneus eram grandes cultores da música, na época, o que explicaria o interesse de Davi pela música, na promoção do ritual religioso. Esse argumento também alicerça-se sobre o fato de que Davi enviou presentes a seus «parentes», os anciãos de Judá, entre os quais haveria queneus. Mas outras traduções, como a nossa tradução portuguesa, dizem ali «amigos», sentido que a palavra hebraica envolvida pode ter. Isso, entretanto, contradiria outros trechos bíblicos, onde Davi aparece claramente como descendente de Judá. Portanto, um Davi queneu não passa de uma conjectura, que a maioria dos eruditos repele.

A Hipótese Quenita. Alguns intérpretes supõem que um dos nomes de Deus, a saber, **Yahweh,** originou-se entre os queneus. Eles supõem que Moisés tomou conhecimento dessa palavra com Jetro, seu sogro queneu-midianita. Presumem eles que o sacrifício oferecido por Jetro (Êxo. 18:12) foi feito para instruir Moisés quanto à adoração a Yahweh. No entanto, se aceitarmos o versículo anterior a esse, veremos que Moisés foi o mestre, e Jetro foi o aprendiz, e não ao contrário. Os queneus-recabitas, de um período posterior, eram zelosos adoradores de Yahweh, mas fizeram-no como convertidos à fé judaica, e não como originadores da mesma. Esses teóricos supõem que, originalmente, Yahweh era um deus do fogo, e trabalhadores em metais, como eram os queneus, naturalmente teriam interesse em promover o culto de um deus assim. Além disso, eles supõem que Caim foi seu mais remoto antepassado, e que, visto que ele tinha a marca de Yahweh, ou do Senhor, os queneus, de milênios mais tarde, eram zelosos adoradores dele (ver Gên. 4:15). Tudo isso reflete um raciocínio extremamente deficiente. O trecho de Gênesis 4:1,25 revela que os patriarcas já eram adoradores de Yahweh, o que significa que a adoração a Yahweh não foi um desenvolvimento já da época do povo de Israel, estabelecido na Palestina. (JBL (52, 212-229:1933) ND Z)

QUENEZEU

Nome de um clã ou família. Ver o artigo sobre *Quenaz*. Essa era uma das tribos que ocupava o sul da Palestina (Gên. 15:19). A terra deles foi prometida por Yahweh a Abraão. Eram aparentados dos queneus (que vide), e, como eles, eram excelentes artífices em metais, do vale do Jordão, rico em cobre. Essa palavra é usada como um epíteto para indicar Calebe, sendo possível que ele descendesse do idumeu Quenaz (que vide). Nomes idumeus e horeus aparecem na genealogia de Calebe. Lemos que ele era filho de Jefoné, o quenezeu (Núm. 32:12; Jos. 14:6,14). Os quenezeus são descritos como um povo estrangeiro (Gên. 15:19). A Calebe foi prometida uma porção na Terra Prometida, com base em sua fidelidade, e não por direito de nascimento. Entretanto, as genealogias dos capítulos dois e quatro de I Crônicas fazem dele um neto de Judá, através de Hezrom (2:9,18). Por essa razão, muitos eruditos têm encarado as genealogias dos livros de Crônicas como uma tentativa proposital de dar a Calebe posição legal em Israel, no judaísmo pós-exílico. Há nisso tudo uma discrepância que não é fácil de resolver. Por essa razão, alguns sugerem que devemos pensar em mais de um Calebe, o que não é impossível.

QUENOBOSQUIOM

No cóptico, **Sheneset**, «pastagem de ganso». Nome de uma antiga cidade do Egito, a leste do Nilo, acerca

de quarenta e oito quilômetros ao norte de Luxor. Um mosteiro cristão foi fundado no lugar por Pacômio, em cerca de 320 D.C. Perto dali, em cerca de 1945, foi encontrada uma biblioteca de material gnóstico, a maior parte na forma de traduções cópticas do grego. Essa descoberta incluiu cerca de quarenta e nove documentos, em treze códices de papiro, atualmente intitulados os manuscritos de Nag Hammadi, provavelmente porque foi nessa localidade, a oeste do rio, que a descoberta foi pela primeira vez noticiada. Um desses documentos é chamado Códex Jung por haver sido adquirido por aquele instituto de Zurique. Outros documentos encontram-se agora no Museu Cóptico do Egito, no Cairo. Essas obras estão sendo publicadas, pouco a pouco. Entre elas há o Evangelho da Verdade (contido no Códex Jung), o Evangelho de Tomé (em um dos códices do Cairo). O Evangelho da Verdade é uma espécie de meditação especulativa sobre a mensagem cristã, originada na escola valentiniana do gnosticismo, talvez tenha sido uma produção do próprio Valentino, em cerca de 150 D.C. O Evangelho de Tomé contém cento e catorze declarações atribuídas a Jesus, fragmentos das quais, em grego, foram encontradas em Oxyrhinchus, nos fins do século XIX e no começo do século XX. O que encontramos nessa descoberta é uma espécie de fragmento da biblioteca do gnosticismo (que vide). Ver também o artigo separado sobre os *Manuscritos de Nag Hammadi*. (DOR ND)

QUERÃ

Um dos filhos de Disã, filho de Seir, o horeu (Gên. 36:26; I Crô. 1:41), em cerca de 1920 A.C.

QUERÉIAS

Um capitão amonita, irmão de Timóteo, que se apôs a Judas Macabeu (I Macabeus 5:6). Ele controlava a fortaleza de Gazara (I Macabeus 5:8). Judas Macabeu assediou essa fortaleza. Judas venceu a batalha e executou os dois irmãos, Queréias e Timóteo, além de muitos dos seus seguidores (II Macabeus 10:32-38).

QUÊREN-HAPUQUE

No hebraico, «chifre de pintura», ou seja, «caixa de cosmético», embora outros estudiosos prefiram «sombra para os olhos». Esse foi o nome da filha mais jovem de Jó, que lhe nasceu quando sua prosperidade lhe tinha sido devolvida pelo Senhor (Jó 42:14). Provavelmente, o nome diz respeito à sua beleza física. Ela viveu em cerca de 1590; mas tudo depende em que período devemos situar a vida de seu pai, Jó, o que constitui um dos problemas cronológicos do livro que tem o seu nome.

QUERETEUS

Esse nome é de significação incerta, mas a alusão é à guarda real de Davi, uma tropa de elite (II Sam. 8:18 e I Crô. 17:17).

1. *Significado do Nome*. As traduções desse termo hebraico têm sido diversas, como «chefes», «corredores», «executores», etc. Porém, parece melhor entender essa palavra como um nome próprio, e não como um substantivo comum. A palavra é o plural de quereteu, uma referência às tribos filistéias que habitavam na porção sudoeste da terra de Canaã (I Sam. 30:14). Ver os comentários abaixo, sobre esse termo. Os membros da guarda pessoal de Davi incluíam homens provenientes das áreas que aqueles filisteus haviam ocupado, razão pela qual esse corpo de elite acabou sendo conhecido por esse nome.

2. *As Tribos Filistéias*. O termo «quereteus» referia-se aos filisteus que habitavam na porção sudoeste de Canaã (I Sam. 20:14). Os trechos de Ezequiel 25:16 e Sofonias 2:5 usam o nome como sinônimo dos filisteus em geral. A LXX diz ali cretenses, e é possível que isso seja correto, pois atualmente acredita-se que os filisteus (que vide), são provenientes de Creta. Na escrita cuneiforme temos *kaptara*. Alguns eruditos, entretanto, supõem que apesar de relacionados aos filisteus, os quereteus nunca estiveram diretamente associados à ilha de Creta, podendo ter tido outra origem, embora tivessem sido assimilados subseqüentemente pelos filisteus. O termo «peletitas», usado como sinônimo dos quereteus, pode ter sido empregado para evitar a idéia de que Davi estava por demais intimamente associado aos filisteus, e, nesse caso, o termo foi formado por analogia, com aquele outro, ou então por assimilação fonética. As identificações exatas, porém, continuam na dúvida.

3. *As Tropas de Davi*. Quantas daquelas pessoas, embora filistéias, haviam sido incorporadas ao povo de Israel. E, além disso, os israelitas daquelas áreas eram simplesmente chamados por esse nome, embora não fossem de ascendência filistéia? É provável que ambas as situações existissem ali. Seja como for, os nomes quereteus e peletitas tornaram-se um termo coletivo para indicar as tropas de elite de Davi (II Sam. 8:18; 15:18; 20:7,23; I Reis 1:33,44; I Crô. 18:18). Posteriormente, eles passaram a ser chamados «capitães dos cários e da guarda» (II Reis 11:4,19). Eles mostraram-se leais a Davi em períodos de crise, em todas as revoltas que perturbaram a sua vida. Eles o acompanharam quando ele fugiu de Absalão (II Sam. 15:18). Eles perseguiram Seba, após a rebelião do mesmo (II Sam. 20:7). Quando Adonias tentou suceder a Davi, por um golpe de astúcia, foram eles que deram apoio à escolha de Salomão, formando a guarda pessoal para a sua unção como rei (I Reis 1:38). O líder deles era Benaia, filho de Joiada (II Sam. 8:18), o qual também é chamado de líder da guarda pessoal de Davi (II Sam. 23:23). (G HA JM)

QUERIOTE

No hebraico, «cidades» ou «aldeias». É o nome de duas cidades, nas páginas do Antigo Testamento:

1. Uma cidade de Moabe, referida juntamente com Dibom e outros lugares, em Jeremias 48:24. Talvez seja um outro nome de Ar, a antiga capital dos moabitas, por causa do lugar proeminente que lhe é dado, na enumeração das cidades de Moabe, quando Queriote é citada e Ar é omitida (Jer. 48), ou vice-versa (Isa. 15 e 16). Ver também Amós 2:2. O lugar tem sido identificado com a moderna Saliya, cerca de quarenta quilômetros a leste do mar Morto, imediatamente ao norte do rio Arnon. No Antigo Testamento há predições de sua destruição. A cidade é mencionada na pedra Moabita, linha 13.

2. Uma cidade ao sul do território de Judá (Jos. 15:25), talvez pertencente à tribo de Simeão. Parece ser a cidade aludida no nome de Judas Iscariotes (que vide) que seria nativo dessa cidade, se isso é verdade. O local tem sido identificado com Khirbet el-Qarratein, a pouco mais de vinte e dois quilômetros ao sul de Hebrom, e a vinte e cinco quilômetros a oeste do mar Morto.

••• ••• •••

QUERIOTE-HEZROM

Uma cidade do distrito do Neguebe, no território de Judá (Jos. 15:25). Nesse versículo ela é identificada com Hazor (que vide). Tem sido modernamente identificada com Khirbet el-Quaryatein, cerca de oito quilômetros ao sul de Maom.

QUERITE

Um ribeiro existente na Transjordânia, onde Elias escondeu-se, após fugir da rainha Jezabel (I Reis 17:3,5). Um local proposto é o wadi Kelt, um riacho de águas revoltas que deságua no vale do Jordão. Porém, a expressão bíblica «fronteira ao Jordão», parece dar a entender que esse ribeiro ficava a leste daquele lugar, bem como na própria terra nativa de Elias, Gileade. Nesse caso, o wadi Yabis, defronte de Bete-Seã, parece ser a identificação mais provável. A localização do mesmo permanece em dúvida, e qualquer wadi, entre os inúmeros ali existentes, com suas numerosas cavernas, pode ter sido o lugar.

QUEROS

No hebraico, «dobrado». Ele foi ancestral de uma família de servidores do templo, que retornaram da Babilônia com Zorobabel. Seu nome aparece em Esd. 2:44 e Nee. 7:47, como também em I Esdras 5:30. Viveu em cerca de 630 A.C.

QUERUBE

No Antigo Testamento, temos o nome de um dos lugares de onde voltaram exilados, terminado o cativeiro babilônico, em companhia de Zorobabel (Esd. 2:59 e Nee. 7:61). E, no livro apócrifo de I Esdras 5:36, esse é o nome de um dos homens de Israel que voltaram do exílio babilônico.

QUERUBIM

1. *O Nome.* Em português, o nome está no singular, mas reflete a forma plural no hebraico. O sentido dessa palavra, no hebraico, é incerta, embora possa estar em foco a idéia de *intercessor,* vindo de uma raiz básica do acádico, *caribu* ou *kuribu.* Seja como for, os querubins eram uma classe de seres angelicais.

2. *As Ordens Angelicais.* É bastante antiga a formação de uma angelologia, incorporando a idéia de que há várias ordens, classes, poderes ou mesmo espécies de anjos. Ver o artigo sobre os *Anjos.* A maioria dos estudiosos acredita que esse desenvolvimento ocorreu, a principio, na religião persa, e dali passou para o judaísmo; e, deste, para o cristianismo. O judaísmo contava com uma hierarquia de anjos, encabeçada por *sete* ou *quatro* arcanjos. Haveria miríades de anjos subordinados, e muitas ordens e funções. Coletivamente falando, eles eram servos de Deus, ministros seus que garantiam que a sua vontade seria cumprida por toda a sua criação, tanto nos céus quanto na terra. Estariam envolvidos em toda a forma de fenômeno natural e sobrenatural.

3. *A Ordem e a Classe dos Querubins, e Sua Aparência.* Nessa conexão, ver abaixo sobre a *aparência* desses seres. Por causa da associação dos querubins com asas e outras características, alguns arqueólogos têm pensado em uma identificação com a esfinge alada ou com o leão alado, dotado de cabeça humana, o que aparece como artigo proeminente da arte na Síria-Palestina. Outros os têm identificado com os colossos assírio-babilônicos, com os grifos egípcios, e com outras figuras tais. Supor que não há conexão alguma entre eles e tais representações, ao menos no tocante a como esses seres eram concebidos pelos hebreus, parece-me uma maneira muito precária de pensar. Não parece provável que as representações simbólicas dos hebreus se tenham originado em um vácuo. Também é improvável que as nações pagãs tenham feito empréstimos das noções dos hebreus, com distorções, assim inventando seus deuses grotescos, parte homem e parte animal. Porém, estabelecer paralelos e identificações específicas também é precário. As escavações arqueológicas têm descoberto todas as espécies de formas híbridas na Assíria, na Babilônia, entre os hititas, gregos, egípcios e cananeus, a partir dos dois primeiros milênios A.C. Assim, têm sido encontradas esfinges aladas, o trono esfinge do rei Airão de Biblos, seres humanos dotados de asas mas com cabeça de águia, e todas as espécies de formas com um misto de animal e homem, como se fossem figuras divinas.

4. *Aparência dos Querubins.* A arqueologia tem lançado bastante luz sobre a aparência dos querubins, conforme os mesmos apareciam nas figuras rituais dos hebreus. Um par de querubins foi encontrado, como apoio do trono do rei Hirão, de Biblos, de cerca de 1200 A.C. Era uma criatura dotada de corpo de leão, rosto humano e asas avantajadas. Os querubins mandados fazer por Salomão estariam postos sobre seus pés (II Crô. 3:13). Ezequiel diz que eles se assemelhavam a um homem, mas com asas (Eze. 10:8). O leão alado com cabeça humana (esfinge com asas), aparece por centenas de vezes na iconografia da Ásia ocidental, entre 1800 e 600 A.C. Por muitas vezes, os querubins aparecem apoiando o trono de alguma divindade. É perfeitamente claro que essas representações, descobertas pela arqueologia, ajustam-se às descrições bíblicas. Ezequiel fala em querubins com dois rostos, um de homem e outro de leão (Eze. 41:18), ou então com quatro rostos (Eze. 1:6,10; 10:14,21,22). Nesse caso, além dos leões, havia uma cabeça de boi. As asas são mencionadas em relação aos querubins, em I Reis 6:24, asas essas que seriam quatro, de acordo com Eze. 1:6,11. Duas asas estavam estendidas por cima da figura, e duas eram usadas para voar, ao passo que duas outras lhe cobriam o corpo. Sob as asas havia mãos humanas (Eze. 1:8; 10:8,21). E seus pés assemelhavam-se à sola das patas de uma vaca (Eze. 1:7).

5. *Usos no Templo de Jerusalém.* Figuras de querubins decoravam as portas e as paredes do templo de Salomão. Dois querubins eram feitos de madeira de oliveira, recoberta de ouro. Essas figuras foram postas no santuário do templo, com suas asas voltadas para cima, tocando nas pontas umas das outras, no meio da câmara, e debaixo das quais havia a arca (que vide). A própria arca tinha as figuras de dois querubins de ouro batido, defronte uma da outra, nas duas extremidades da tampa da arca, ou propiciatório (no hebraico, *kaporet*). Suas asas estavam elevadas para cima, formando uma espécie de tela. Era ali, entre os dois querubins, que Deus revelava-se e comunicava a sua mensagem. Yahweh é assim referido em I Sam. 4:4; II Sam. 6:2; II Reis 19:15; Sal. 80:2 e 99:1, como Aquele que estava entronizado entre os querubins. No segundo templo, porém, segundo tudo indica, não havia querubins. Na visão de Ezequiel, o trono do Senhor repousava sobre as asas dos quatro querubins, cada um dos quais tinha a forma de um homem com quatro rostos, a saber, de um homem, de um leão, de um boi e de uma águia, e cada qual tinha quatro asas, com mãos

humanas por baixo das mesmas. Cada querubim tinha uma roda a seu lado, que se movia juntamente com o querubim, e tanto o querubim quanto essa roda eram recobertos de olhos. Isso posto, esses querubins serviam de carruagem divina.

6. *Como uma Ordem Angelical.* Antes de tudo, torna-se mister dizer que as apresentações descritas acima devem ser entendidas simbolicamente. Não é necessário supormos que os anjos, ou qualquer classe entre eles, realmente tenham essas características. Também é patente que as descrições acima concordam com a atmosfera religiosa da Palestina, do Egito e da Assíria, naquele tempo. Podemos perceber sentidos simbólicos nessas descrições, e não devemos rebuscar além disso. Dentro da hierarquia angelical, que se desenvolveu posteriormente, os querubins vieram a ser situados em várias posições, dentro da escala dos poderes angelicais. As funções deles eram de guardiães e assessores do Senhor. Com base nas referências bíblicas, não conseguimos descobrir para eles quaisquer patentes fixas, formando uma hierarquia bem ordenada. Porém, o fato de que os querubins são pintados como assessores de Deus, associados ao seu trono, parece sugerir que eles ocupavam uma elevadíssima posição.

7. *Funções.* a. *Como Guardiães.* Depois que Adão e Eva foram expulsos do jardim do Éden, Deus pôs querubins e uma espada flamejante, que se revolvia, a fim de guardar o acesso à árvore da vida (Gên. 3:24). O uso da figura, no templo de Salomão, sugere a mesma atividade. Nos países ao redor de Israel, os arqueólogos têm encontrado figuras de querubins como guardas de cidades, palácios e templos. b. *Sua Associação ao Fogo.* No monte santo, os querubins andariam entre pedras de fogo. Na visão de Ezequiel, eles são retratados em meio a relâmpagos e trovões (Eze. 1:4,13,14,27,28). O relâmpago era um antigo símbolo do poder dos deuses. Brasas de fogo estariam entre os querubins e as rodas da carruagem divina (Eze. 10:6). Os querubins espalharam brasas por sobre a cidade de Jerusalém, um símbolo de julgamento divino (Eze. 10:2). c. *Transportadores do Trono-Carruagem de Deus.* Ver I Sam. 4:4; II Sam. 6:2; II Reis 19:15; Sal. 80:1; 99:1 e Isa. 37:6. Deus manifestava-se a Moisés dentre os dois querubins, montados nas extremidades opostas do propiciatório ou tampa da arca (Êxo. 25:22). Essa representação tem paralelos nos cultos do Oriente próximo, nos quais há divindades ilustradas a montar sobre leões, bois ou animais mistos. As rodas da carruagem de Deus seriam impulsionadas por esses seres (Eze. 1:16,17), e, com suas asas, eles faziam o trono voar (Eze. 10:16). Portanto, Yahweh usa essa carruagem e flutua sobre nuvens rápidas, e, dessa maneira, controla as condições atmosféricas (Sal. 104:3 e Isa. 19:1). Outro tanto é dito acerca de várias divindades do panteão cananeu. O *Texto de Ugarite*, pág. 484, fala sobre os montadores das nuvens. Os trechos de II Sam. 22:11 e Sal. 18:10, aludem a Deus montado sobre um querubim. Salmos 80 encerra descrições que nos fazem relembrar as descrições do deus-sol, de outras culturas. Ele teria um rosto resplandecente, montado sobre um querubim, atravessando o firmamento. Paralela a essa concepção é a idéia do sol alado do antigo Oriente próximo, bem como as carruagens solares da adoração pagã ao sol (II Reis 23:11). Esses muitos paralelos simplesmente são óbvios demais e exatos, para supormos que todas essas coisas tiveram um desenvolvimento separado e original. Em todas essas idéias religiosas, houve muitos empréstimos e cópias. Não sabemos dizer o quanto os hebreus aceitavam isso literalmente, e o quanto entendiam de modo poético e simbólico. Talvez ambas as concepções estivessem envolvidas. Na verdade, nosso conceito de Deus vai-se aprimorando, —à medida que os séculos se passam; e nunca chegará o tempo em que o nosso conceito sobre o Senhor será perfeito. A maioria dos homens cria um Deus segundo a sua própria imagem, conforme a sua própria imaginação. Nosso conhecimento sobre Deus continua bastante cru. d. *Decorações Simbólicas.* Os querubins eram usados como símbolos, em Israel e em outras culturas antigas; mas, ao mesmo tempo, eles se revestiam de valor decorativo. Sobre o propiciatório da arca do pacto, havia as figuras de dois querubins, de frente uma para a outra. Eram feitas de ouro, formando uma peça sólida com a tampa do propiciatório. Suas asas estavam abertas como que para fazer uma sombra. No tabernáculo, havia figuras de querubins bordadas nas dez cortinas brancas, de linho fino retorcido, tecidas em azul, púrpura e escarlate. Essas cortinas tinham cerca de 13,50 m de comprimento cada, e então eram reunidas aos pares, a fim de cobrirem tanto a parede externa como a cobertura mais interior da tenda (Êxo. 26:1 *ss*, 36:8 *ss*). Um outro véu, feito do mesmo material, era pendurado entre o Lugar Santo e o Santo dos Santos (Êxo. 26:31 *ss*, 36:35 *ss*). No templo de Salomão, no santuário mais interior, havia dois querubins entalhados em madeira de oliveira e recobertos de ouro (I Reis 6:23-28). Tinham 4,45 m de altura e asas exatamente com a metade dessas dimensões, de tal modo que, —abertas— elas atingiam 4,45 m. Figuras de querubins, palmeiras e flores abertas haviam sido entalhadas nos painéis de madeira das paredes do templo. E também havia os suportes das bacias, em número de dez, de bronze, com a forma de um carroção. Os painéis desses carroções tinham decorações que representavam leões, bois, querubins e grinaldas. Na visão de Ezequiel (Eze. 41:17-20), apareceram vários entalhes de palmeiras e querubins. Essas figuras estavam em posição alternada, ou seja, uma palmeira, um querubim, uma palmeira, um querubim.

8. *Sentidos Simbólicos.* O material acima sugere várias coisas simbolizadas pelos querubins: a. Eles eram guardiães; b. agentes dos julgamentos divinos; c. assessores de Deus e instrumentos especiais de suas ações; d. vindicadores da santidade de Deus (Apo. 4); e. mantenedores da santidade de Deus, no tocante aos sacrifícios cruentos (Êxo. 25:17-20; Rom. 3:24-26); f. símbolos — da hierarquia — existente entre os seres imateriais; g. símbolos do controle de Deus sobre os elementos naturais, como o sol, as intempéries, etc. (AM BA E ID UN VA Z 1-1961)

QUESALOM

No hebraico, «força» ou «fortaleza». Era um dos marcos de fronteira, na porção ocidental da fronteira norte de Judá (Jos. 15:10). Evidentemente era uma cidade grande, localizada perto de Jerusalém. Tem sido comumente identificada com a aldeia de Kesla, cerca de dezesseis quilômetros a oeste de Jerusalém.

QUÉSEDE

No hebraico, a palavra tem sentido desconhecido. Era nome do quarto filho de Naor, irmão de Abraão, cuja esposa era Milca (Gên. 22:22), em cerca de 2088 A.C.

QUESIL

No hebraico, «carnal», «ímpia». Era uma cidade de

Judá (Jos. 15:30). Eusébio, o historiador eclesiástico, chamava-a de Xil, situando-a no sul do território de Judá. Em I Crô. 4:28-32, ela aparece com o nome de Betuel. Pelo menos, com base nos paralelismos que os textos apresentam, isso parece corresponder aos fatos. Tem sido identificada com a moderna Khirbet el Qarjetein, a oito quilômetros ao norte de Tell 'Arad.

QUESNEL, PASQUIER

Suas datas foram 1634-1719. Nasceu em Paris e faleceu em Amsterdã. — Depois que se uniu à Congregação do Oratório (que vide), quando seus escritos passaram a ser influenciados pelas doutrinas de Baius e dos jansenistas (ver os artigos), Quesnel foi condenado pelo papa Clemente XI. Ele foi expulso daquela congregação. Publicou vários livros com um pseudônimo, na Bélgica. Foi preso em 1603; mas, pouco tempo depois, fugiu para a Holanda, onde prosseguiu escrevendo. Antes de sua morte, porém, ele buscou reconciliar-se com a Igreja Católica Romana, e foi bem-sucedido. Ver o artigo sobre a Bula Unigenitus, de 1713.

QUESULOTE

No hebraico, «gordura» ou «cintura». Era o nome de uma das cidades do território de Issacar (Jos. 19:18). Ficava localizada entre Jezreel e Suném. Eusébio identificava-a com Acchaseluth, mas esta está por demais ao norte para ser a identificação correta. Provavelmente, é a mesma Quislote-Tabor de Josué 19:12. As identificações modernas incluem Iksal, que fica cerca de três quilômetros a suleste de Nazaré, ou um pouco mais ao norte, perto de Khirbet et-Tireh.

QUETUBA

No hebraico, «escrita». Um contrato de casamento instituido por Simeão ben Shatah, no século I A.C., para proteção da esposa, em caso de divórcio ou viuvez. As mais antigas referências a documentos de casamento aparecem nos papiros de Assuã (século V A.C.), bem como no livro apócrifo de Tobias (7:14), e também no código de Hamurabi (que vide). Esse documento alista as obrigações do marido, embora não tivesse o poder de validar um matrimônio. Foi retido na prática dos judeus ortodoxos, com base na tradição.

QUETURA

No hebraico, «incenso». Segunda esposa ou concubina de Abraão (I Crô. 1:32). O casal teve seis filhos: Zinrã, Jocsã, Medã, Midiã, Jisbaque e Sua. Abraão estabeleceu-os para os lados do oriente, a fim de que não entrassem em futuro conflito com Isaque (Gên. 25:1-6).

Abraão havia chegado à idade de cem anos, e, naturalmente, seus poderes geradores haviam cessado (Heb. 11:12). No entanto, foi-lhe prometido um filho, que ainda não havia nascido, Isaque. A promessa divina cuidou desse aspecto. Então, depois do falecimento de Sara, Abraão casou-se com Quetura. Os críticos descobrem toda a espécie de problemas na narrativa. Precisamos pensar que seu vigor juvenil havia sido restaurado pelo Senhor, porquanto, em seu segundo casamento, foi capaz de gerar seis filhos. Ou então, conforme alguns supõem, pode ter havido uma deslocação cronológica de relatos, em cujo caso Quetura e seus filhos com Abraão faziam parte da vida anterior de Abraão, que não foi registrada senão após a morte de Sara. Outros têm pensado que Quetura teria sido concubina de Abraão, tendo tido esses seis filhos com ele. E então, após o falecimento de Sara, ela foi elevada à posição de esposa legítima. Entre essas duas alternativas, a primeira é a mais provável. Isso levanta a questão do rejuvenescimento de Abraão. É possível que ele tenha ficado estéril apenas temporariamente, e que o seu rejuvenescimento tenha feito parte de um novo ciclo biológico. Ou então, conforme ensinam as Escrituras, houve a intervenção divina, que renovou as funções biológicas de Abraão.

Seja como for, as tribos árabes atribuem sua origem a Abraão e Quetura. É possível que Bildade, o suíta (Jó 2:11), um dos «amigos» de Jó, tenha sido descendente de Sua, o filho mais novo de Abraão e Quetura. As três tribos de Midiã, Seba e Dedã, que são árabes em sua natureza, descendem desse casamento. Os midianitas eram o grupo mais bem conhecido dentre esses três, e ocupavam o território da porção superior do litoral do mar Vermelho. O vigésimo sétimo capítulo de Gênesis menciona-os, tachando-os de negociantes com camelos. Vieram a associar-se a Moisés (Êxo. 2:16; 3:1; 18:1). Mais tarde, porém, invadiram o território de Israel (Juí. 6—8).

QUEZIA

No hebraico, «cássia» ou «cinamomo». Mas é usada como nome próprio da segunda filha de Jó, que lhe nasceu depois que ele passou pela sua grande provação (Jó 42:14). Segundo alguns estudiosos, teria vivido em torno de 1520 A.C., mas tudo depende da época em que viveu Jó. Ver sobre *Jó*.

QUIBROTE-HATAAVÁ

No hebraico, «sepulcros do desejo». Essa expressão designa um dos lugares onde os israelitas tiveram um de seus acampamentos, quando vagueavam pelo deserto (Núm. 11:34). Não se sabe, em nossos dias, onde ficava essa localidade, embora se saiba que ficava próximo do monte Sinai. Foi ali que os israelitas murmuraram contra Moisés, ao se lembrarem dos deliciosos acepipes de que desfrutavam no Egito. Em face disso, Deus enviou codornizes ao acampamento de Israel, em tanta quantidade que eles adoeceram de tanto se empanturrarem. Seguiu-se então uma praga, durante a qual muitos morreram (Núm. 11:33). Os mortos foram sepultados nesse local, o que explica o nome do mesmo, «sepulcros do desejo» ou «sepulcros da concupiscência». Dali os israelitas partiram para Hazerote (Núm. 11:35). O trecho de Deuteronômio 9:22 mostra-nos que a lição ensinada em Quibrote-Hataavá foi relembrada algum tempo mais tarde.

QUIBZAIM

No hebraico, «dois montões». Esse era o nome de uma cidade do território de Efraim, entregue aos sacerdotes coatitas (Jos. 21:22). Ela tem sido identificada com a cidade de Jocmeão, mencionada em I Crô. 6:68. O local é incerto, embora ela tenha sido identificada com Gusin, a três quilômetros a noroeste de Nablus, ou então com o Tell Qaimun, se o local era o mesmo chamado Jocmeão, conforme dizemos acima. Esse lugar fica ao pé do monte Carmelo, cerca de treze quilômetros a suleste de Haifa.

••• ••• •••

QUIDDITAS

Esse termo latino indica a qualidade primária de alguma coisa, aquilo que uma coisa *é*, tanto em sua essência quanto em sua definição lógica, em contraste com suas qualidades secundárias. Sinônimos de quidditas são forma, natureza e *essência*. Ver o artigo sobre Qualidades: Primária, Secundária e Terciária.

QUIDOM

No hebraico, «lança». A alusão é a uma pessoa ou a uma localidade. Se a referência é a uma pessoa, então seria ao israelita a quem pertencia a eira, onde ocorreu o incidente que envolveu a arca, em sua viagem para Jerusalém. Se a referência é a um lugar, então se refere ao sítio onde o lamentável acontecimento sucedeu, quando Uzá morreu (I Crô. 13:9), quando ele tocou na arca (que vide), quando os bois que puxavam a carroça onde ela estava sendo transportada tropeçaram, e ela quase caiu. Em II Samuel 6:6, o nome aparece sob a forma «Nacom», onde os manuscritos variam. Isso pode dar a entender que a identidade do lugar ficou em dúvida.

QUIETISMO

Nome de um movimento religioso e místico do século XVII, dentro da Igreja Católica Romana. Seus líderes foram Miguel de Molinos, que publicou o livro *Guia Espiritual*, refletindo as idéias do movimento, e François Fénelon, que escreveu *Explicações das Máximas dos Santos*. A Igreja Católica Romana não se sentiu feliz com o movimento, com o resultado que Molinos foi condenado à prisão perpétua, ao passo que Fénelon recebeu uma censura papal.

Idéias:

1. Um ponto de vista pessimista da natureza humana, por considerá-la totalmente depravada, com a conseqüente necessidade do indivíduo *vender* ou *matar* sua vontade consciente.

2. Isso libera a alma para que busque completar-se exclusivamente em Deus, inspirada no amor de Deus, e não nos méritos humanos.

3. A meditação era um exercício muito usado, com o intuito de ajudar o homem a esperar em Deus, em seus movimentos transformadores e graciosos.

4. A ênfase sobre a mediação levou à máxima do quietismo que diz que um momento de verdadeira contemplação vale mil anos de boas obras. Supomos que essa contemplação deve ser uma experiência mística segundo a qual a pessoa entra em contato direto com o Ser divino, sendo transformada nesse processo.

5. A fé pura está acima de idéias e crenças. O verdadeiro amor consiste em amor por causa do amor, um tipo de qualidade constante da alma, e não meramente o afeto que se fixa sobre alguma pessoa ou objeto.

6. A verdadeira atitude mental receptiva, capaz de acolher a graça divina, consistiria em *absoluta calma* (o que justifica o nome *quietismo*), sem mistura com as ambições pessoais. A meditação era recomendada, a fim de encorajar esse estado de receptividade mental. Outros importantes membros desse movimento, além daqueles dois que já foram mencionados, foram Jeanne Marie Guyon (que vide) e a srta. Antoinette Bourignon (que vide). (E P)

QUIKAR

Ver sobre **Dinheiro** e sobre **Pesos e Medidas**.

QUILAN

Cabeça de uma numerosa família, que retornou do cativeiro babilônico, em companhia de Zorobabel (I Esdras 5:15). Nunca é mencionado nos livros canônicos do Antigo Testamento.

QUILIASMO

Palavra que vem do grego, **chiliás**, «mil». Esse termo português pode ser um sinônimo de «milênio», que vem do latim, para indicar a mesma coisa. Nesse caso, ambos os termos referem-se à doutrina que diz que Cristo retornará ao mundo a fim de dar início ao seu reinado de mil anos na terra, antes do tempo do fim, ou seja, antes do estado eterno. Ver o artigo sobre o *Milênio*. Algumas vezes, entretanto, o termo grego é usado para referir-se às interpretações exageradamente literais de textos do Antigo Testamento, que abordam a restauração da nação de Israel durante o milênio. Para exemplificar, o *quiliasmo* assevera que o trono de Davi será restaurado, e que o próprio Davi reinará, em pessoa. Além disso, essa doutrina supõe que os sacrifícios cruentos de animais serão restaurados, insistindo sobre interpretações gerais bem literais. De acordo com esse uso, o quiliasmo seria um posição que contrasta com o «mileniarismo», que insiste sobre uma interpretação menos literal.

QUILIOM

No hebraico, «fracasso». Nome de um dos filhos de Elimeleque e Noemi. Quiliom era o marido de Orfa (Rute 1:2 e 4:9), tendo falecido enquanto essa família de Israel jornadeava na terra de Moabe. Ele é chamado efrateu, o que talvez signifique que ele era de Belém da Judéia. Cerca de 1360 A.C.

QUILMADE

Uma cidade asiática (Eze. 27:23), mencionada em conjunção com Seba e Assícia. Não se conhece a localização atual dessa cidade.

QUIMÃ

No hebraico, essa palavra significa «anelo». Também era usada para indicar uma fisionomia *lívida*, ou então para indicar um *cego*. É nome de um homem e de uma localidade, como se vê abaixo:

1. Um seguidor, e talvez filho de Barzilai, o gileadita, que acompanhou Davi até Jerusalém, após a revolta de Absalão. Foi agraciado por Davi com uma possessão em Belém, em consideração pelos serviços prestados por seu pai (II Sam. 19:37-40), em cerca de 1023 A.C.

2. Nome de uma localidade, perto de Belém da Judéia, identificada com a propriedade que Davi outorgara a um homem do mesmo nome. A localidade teve essa designação pelo menos durante quatro séculos. Joanam e Careá, e seu bando, acamparam-se ali quatro séculos mais tarde, quando então a localidade continuava com o mesmo nome. Alguns identificam-na com o lugar onde José e Maria não puderam encontrar alojamento, quando Jesus era infante (Luc. 2:7). Porém, isso não passa de uma conjectura. Seja como for, o lugar tem uma história antiga. O trecho de Jeremias 41:17 o menciona como o lugar onde havia uma hospedaria.

QUINÁ

No hebraico, «lamento pelos mortos». Uma cidade

no extremo suleste do território de Judá, próxima da fronteira com Edom (Jos. 15:22). Talvez tenha sido um lugar ocupado pelos queneus (I Sam. 27:10), conforme o nome sugere. O local dessa cidade não pode ser identificado em nossos dias.

QUINERETE

No hebraico, a palavra significa «com formato de harpa», e tem dois empregos diversos.

1. Era o nome de uma cidade fortificada no território de Naftalí (Jos. 19:35, que é a única referência bíblica). Jerônimo a identificava com a cidade que, posteriormente, chamou-se Tiberiades. Também há aquela colina ou cômoro chamado Tell 'Oreimeh, que significa «cômoro da harpa». Fica no lado noroeste do mar da Galiléia. As evidências arqueológicas mostram que o local vinha sendo ocupado desde os dias de Josué, pelo que poderia ser o local original.

2. O mar de Quinerete (Núm. 34:11; Deu. 3:17; Jos. 11:12; 12:3, etc.), o qual também é chamado «lago de Genezaré», em Luc. 5:1, e «mar de Tiberiades», em João 6:1 e 21:1 (Bahr Tarbarihey é seu nome nativo), e naturalmente, o «mar da Galiléia» (que vide). Provavelmente, o nome Quinerete deriva-se de algum antigo nome cananeu, que existia antes da conquista da terra por Israel. O lago visto de cima, tem a forma de uma harpa, e disso deriva-se o nome do lago.

QUINQUE VIAE

Expressão latina que significa «cinco caminhos», referindo-se aos cinco argumentos usados por Tomás de Aquino para provar a existência de Deus. Ver o artigo sobre os *Cinco Argumentos em Prol da Existência de Deus*. O artigo sobre *Deus* tem uma seção que aborda esses argumentos e acrescenta outros argumentos, àqueles cinco. O filósofo católico romano Jacques Maritain acrescentou um sexto argumento. Ele supunha que o ser humano tem a *intuição* que o verdadeiro *Eu*, o *intelecto* ativo, não é temporal. Com base nisso, o indivíduo chega a compreender que *o eu* é eterno, através do ato de pensar do Ser Infinito.

QUINTA-FEIRA SANTA ver **Sexta-Feira Santa.**

QUINTESSÊNCIA

Na física de Aristóteles temos **o quinto** elemento (no latim, *quinta essentia*), que seria o componente dos corpos celestes, em distinção aos supostos elementos básicos da terra, como a terra, o fogo, o ar e a água, mas que estaria latente nesses elementos terrenos. Os alquimistas falavam sobre esse elemento chamando-o de *matéria-prima*, ou primeira matéria, distinguindo-o do resto, do que o mundo foi formado. Eles tentavam destilar essa matéria-prima dos elementos terrenos. Esse elemento, no linguajar de Pitágoras e de outros filósofos gregos, foi chamado *éter*. Na linguagem moderna, entretanto, o éter seria a porção mais essencial e pura de alguma coisa. O adjetivo *quintessencial* significa aquilo que é absolutamente necessário ou essencial.

QUIOS

Esse é o nome de uma das principais ilhas do arquipélago jônico, mencionada somente em Atos 20:15. Pertencia à Jônia, e ficava entre as ilhas de Lesbos e de Samos, cerca de treze quilômetros distante do ponto mais próximo da Ásia Menor. Tem cerca de quarenta e oito quilômetros de comprimento, de norte a sul, e chega a ter um terço disso, em sua porção mais larga. Trata-se de um lugar muito fértil, bem conhecido por sua produção de algodão, seda, frutas e bons vinhos. Sua aldeia principal era Quios, que tinha um bom porto, segundo informa-nos Estrabão (xiv.645). O navio no qual Paulo viajava ancorou ali, na última viagem desse apóstolo à Palestina (Atos 20:15). Quios é um dos sete lugares que têm sido mencionados como o lugar do nascimento de Homero. Nos tempos romanos, Quios desfrutava da posição de cidade livre e fazia parte da província da Ásia. Seus habitantes eram tidos como os mais abastados que havia entre os gregos, no século V A.C.

QUIR

No hebraico, «muralha». O nome desse distrito aparece em II Reis 16:9; Amós 1:5; 9:7 e Isa. 22:6. Pertencia ao império assírio, entre os mares Negro e Cáspio, próximo do Elão, margeando o rio Qur. Modernamente é chamado Geórgia, em território da União Soviética. Tiglate-Pileser levou para ali cativos, os habitantes de Damasco (II Reis 16:9). Isso cumpriu a profecia de Amós 1:5. Na referência do livro de Isaías, o lugar aparece em conexão com o vale da visão, o qual, provavelmente, é o mesmo que aparece no segundo livro dos Reis. Todavia, há estudiosos que pensam que a região ficava localizada ao sul da Babilônia, às margens do rio Tigre.

QUIR DE MOABE

Com esse nome, a cidade figura apenas em Isaías 15:1. Mas conforme pensam quase todos os estudiosos, trata-se da mesma cidade chamada Quir-Haresete, mencionada em II Reis 3:25 e Isa. 16:7, ou então Quir-Heres, mencionada em Isa. 16:11 e Jer. 48:31. Era uma das duas cidades fortificadas de Moabe, a outra sendo a cidade de Ar. O nome Quir-Haresete ou Quir-Heres significa «cidade da cerâmica» ou «cidade nova».

Há estudiosos que pensam que Ar era uma região, e não uma cidade de Moabe. Após a derrota de Mesa, de Moabe, pelos israelitas, somente em Quir-Haresete ficou pedra sobre pedra. Todavia, a cidade foi capturada e destruída (II Reis 3:25). Isaías previu sua destruição (Isa. 16:7).

Alguns eruditos identificam o lugar com Queraque, a antiga capital daquele distrito. Sabe-se que esse era um local muito importante, estrategicamente falando, situado sobre um elevado lugar, de fácil defesa. Dominava todas as antigas rotas de caravanas, estando no famoso Caminho do Rei, que ia do Egito à Síria. Os cruzados reconheceram a importância estratégica do lugar, muitos séculos mais tarde. Ver o artigo sobre as *Cruzadas*. Atualmente a área é habitada, situada a dezesseis quilômetros a leste do mar Morto. O wady Hesa fica cerca de vinte e três quilômetros para o sul. Um castelo encima a colina.

Alguns supõem que o nome moabita original da cidade era QRHH. E, nesse caso, é mencionada na pedra Moabita, das linhas 22 em seguida, onde é dito que o rei Mesa estabeleceu ali um santuário em honra a Quemós, e ali dirigiu um projeto de construções.

QUIRIATAIM

Segundo muitos pensam, esse nome significa «cidade dupla». Nas páginas do Antigo Testamento, há duas cidades com esse nome, a saber:

1. Em trechos como Núm. 32:37; Jos. 13:19; Jer. 48:1,23 e Eze. 25:9, aparece uma cidade que fazia parte do território de Rúben, a leste do Jordão, cerca de seis quilômetros a oeste de Medeba, que fica a suleste de Hesbom. Ela foi construída pelos descendentes de Rúben. Os moabitas expulsaram os gigantescos emins daquele lugar. Em seguida, ela passou para as mãos dos amorreus, e, mais tarde, para a possessão dos israelitas. Durante o período do exílio assírio, os moabitas conquistaram novamente a cidade, juntamente com outras da mesma área geral. Por causa disso, os moabitas foram condenados por Deus (Jer. 48:1,23). O local tem sido identificado com a moderna el-Qereiyat, a quase quinze quilômetros a leste do mar Morto e à mesma distância do rio Arnon.

2. Uma das cidades levíticas de refúgio, dentro do território de Naftali (I Crô. 6:74). Tem sido identificada com Khirbet el-Kureiyat, ruínas existentes entre Medeba e Dibom. Também era chamada Cartã, referida em Jos. 21:32 (que vide).

QUIRIATE

Ver sobre **Quiriate-Jearim**.

QUIRIATE-ARBA

O antigo nome de **Hebrom** (vide).

QUIRIATE-ARIM

Ver sobre **Quiriate-Jearim**.

QUIRIATE-BAAL

O nome mais antigo de **Quiriate-Jearim** (vide).

QUIRIATE-HUZOTE

No hebraico, «cidade dos lugares exteriores». É mencionada apenas em Números 22:39. Nesse trecho aprendemos que Balaque e Balaão foram até ali com o propósito de oferecerem sacrifícios. Era uma cidade moabita. O lugar ficava perto de Bamote-Baal (vs. 41) embora não saibamos dizer sua localização. Provavelmente ficava perto do rio Arnon. Foi conquistada por Seom, e depois pelos israelitas.

QUIRIATE-JEARIM

No hebraico, «cidade das florestas». Nas páginas do Antigo Testamento aparece como o nome de uma cidade de Judá e como o patronímico de um descendente de Calebe, filho de Hur, a saber:

1. Essa cidade também aparece com o nome contraído de Quiriate-Arim, em Esdras 2:25. Com seu nome completo é mencionada em Jos. 9:17; 15:9,60; 18:14,15; Juí. 18:12; I Sam. 6:21; 7:1,2; I Crô. 13:5,6; II Crô. 1:4; Nee. 7:29; Jer. 26:20. Apesar de ter sido entregue à tribo de Judá, mais tarde passou para o território de Benjamim. Em Jos. 15:9 é chamada Baalá, e, em Jos. 15:60, Quiriate-Baal. Foi desse lugar que a arca da aliança foi trazida e entregue aos cuidados de Eleazar (I Sam. 7:1). Vinte anos mais tarde, Davi levou-a para Jerusalém (II Sam. 7:2; I Crô. 13:5; II Crô. 1:4). O profeta Urias morava em Quiriate-Jearim (Jer. 26:20). Várias tentativas de identificação têm sido dadas no tocante à localização moderna. Uma possibilidade é Kuriet 'Enab, localizado ao norte do monte Jearim, e Khirbet 'Erma, que fica mais ao sul, é outra possibilidade. Ambas essas vilas refletem o nome antigo, e ambas podem cumprir as descrições daquele lugar do Antigo Testamento. Kuriet 'Enab também aparece com o nome de Qaryet el-Inab, em outra literatura antiga. Os habitantes árabes da atualidade chamam o lugar de Qaryeh. Mas a cidade também é conhecida como Abu Ghosh, devido ao nome de famosos xeques desse nome, dos séculos VIII e IX, que ali exerceram o seu poder.

Perto do local original, há restos de habitações romanas, bem como do período das cruzadas. O período bíblico faz-se representar por um grande cômoro, sobre o qual foi edificada a Igreja da Arca da Aliança. Esse cômoro tornou-se conhecido como Deir el-Azhar, o que talvez seja uma alusão a Eleazar, filho de Abinadabe (que vide) o qual foi escolhido pelos homens de Quiriate-Jearim para tomar conta da arca da aliança (I Sam. 7:1). Há evidências arqueológicas pertencentes à Idade do Bronze Posterior e à Idade do Ferro, principalmente na forma de fragmentos de cerâmica. Eusébio afirmou que esse lugar ficava a dez milhas romanas de Jerusalém, na estrada para Lida, metragem essa que ele corrigiu, posteriormente, para nove milhas romanas. Ficava entre Neftoá (Lifta) e Chesalom (Quesla), o que concorda com os informes bíblicos atinentes à sua posição na fronteira norte de Judá (Jos. 15:9 e 18:15).

Informes Históricos. 1. Quiriate-Jearim foi uma das quatro cidades gibeonitas que estabeleceram acordo com os israelitas invasores, tendo-os enganado (Jos. 9:17). 2. A cidade servia como marco de fronteira entre Judá e Benjamim (Jos. 15:9). Ela foi cena de certos eventos que circundaram a arca da aliança (I Sam. 7:1). 3. Foi fortificada por Salomão (chamada Baalate, em I Reis 9:18). 4. Foi invadida quando a região foi invadida pelos egípcios (I Reis 14:25; II Crô. 12:1-9). 5. Foi o lugar onde habitava o profeta Urias, que denunciou o corrupto reinado de Jeoaquim, o que o forçou a fugir para o Egito; mas Urias foi capturado no Egito, trazido de volta a Judá e foi executado (Jer. 26:20-23). 6. Alguns dos cidadãos de Quiriate-Jearim voltaram do exílio babilônico com Zorobabel (Esd. 2:25; Nee. 7:29). (AH UNA (1962) Z)

QUIRIATE-SANÁ

Ver sobre **Debir**.

QUIRIATE-SEFER

O nome mais antigo de **Debir** (vide).

QUIRÍNIO

Seu nome figura em Luc. 2:2. Seu nome completo era Publius Sulpicius Quirinius. Ele era o que os romanos chamavam de «homem novo». Tal como Cícero, ocupou o ofício de governador e tornou-se cônsul em 12 A.C., sem a vantagem de um nome de família tradicional na política ou na administração. Tácito, o historiador romano, devotou um breve capítulo a Quirínio, por ocasião de sua morte, em 21 D.C.

Quirínio era um militar notável, tendo a seu crédito uma campanha no deserto de Cirene, região essa que, juntamente com Creta, governou como procônsul, em cerca de 15 A.C. Entre 12 e 2 A.C., ele esteve ocupado em um projeto de pacificação na Pisídia, contra os montanheses que Tácito, na passagem acima citada, descreveu erroneamente como cilícios. As datas são vagas, mas os eruditos bíblicos interessam-se pelas mesmas, por estarem ligadas à data do nascimento de Cristo. O «primeiro recensea

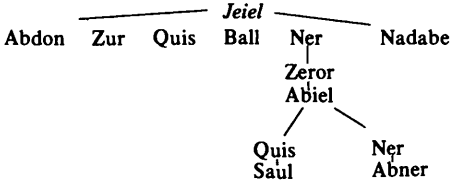
mento», efetuado quando Quirínio era governador da Síria (Luc. 2:2), pode ter sido aquele ao qual Gamaliel aludiu, segundo se lê em Atos 5:37. Esse recenseamento deu-se em 6 ou 7 D.C. Segue-se que o recenseamento anterior — devido ao ciclo costumeiro de catorze anos — deu-se em 8 ou 7 A.C. E daí resulta o problema. Quirínio devia ter sido especialmente comissionado para a tarefa de supervisão por Augusto, pois sabe-se que Quintílio Varus ocupava então o importante porto de governador da Síria. Mas, como Varus perdera três legiões na floresta germânica de Teuteburgo? — um dos mais chocantes desastres das forças romanas naquele século — talvez Augusto preferisse um homem de maior envergadura para ocupar-se do recenseamento. A intervenção de Quirínio, a organização necessária para o recenseamento e os preparativos para o mesmo podem ter adiado a data do mesmo para o fim de 5 A.C., uma data mais razoável.

Quirínio mostrou-se astuto o bastante para cortejar discretamente a amizade de Tibério, que estava exilado em Rodes. E nada perdeu com isso, quando Tibério, por falta de outros herdeiros do trono, sucedeu a Augusto. Quirínio, porém, morreu sem herdeiros.

QUIS

No hebraico, «arco» ou «chifre». Esse é o nome de cinco personagens do Antigo Testamento:

1. O filho de Ner, pai do rei Saul (I Sam. 9:1; I Crô. 8:33; 9:38,39). A genealogia bíblica talvez registre o fato de que Quis era descendente de Ner, e não seu filho imediato. Isso permitiria a inserção de Abiel e de outros nomes, entre Quis e Ner. Comparar I Sa. 9:1,14 com I Crô. 8:33 e 9:36, que aparentemente estão em conflito:



Talvez somente um Quis e um Ner descendiam de Jeiel, e, nesse caso, os descendentes de Ner tornaram-se duas casas tribais. A primeira delas tornou-se a família real de Saul, tomando Quis como seu fundador, porém, era um ramo mais recente da linhagem de Ner. Seja como for, ambas as casas pertenciam à família de Jeiel.

Quis foi um rico benjamita (I Crô. 8:33). A única coisa que a Bíblia nos revela sobre ele foi que ele mandou Saul buscar seus jumentos perdidos (I Crô. 9:3), e que ele foi sepultado em Zela (II Sam. 21:14). Isso ocorreu em torno de 1025 A.C. Há uma referência a ele, em Atos 13:21.

2. Filho de Jeiel e tio de Quis de número «um» (I Crô. 8:36).

3. Um benjamita e bisavô de Mordecai, que foi levado cativo para a Babilônia (Est. 2:5), em cerca de 478 A.C.

4. Um filho de Abi, um levita da família de Merari (II Crô. 29:12), que ajudou o rei Ezequias na restauração da verdadeira fé judaica. Viveu em torno de 720 A.C.

5. O segundo filho de Mali. Seus filhos casaram-se com as filhas de seu irmão, Eleazar (I Crô. 23:21,22). Um de seus filhos chamava-se Jeremeel (I Crô. 24:29). Viveu em torno de 1060 A.C.

QUISI

No hebraico, «arco de Yahweh». Era filho de Etã, que foi nomeado como cantor e músico, nos dias de Davi (I Crô. 6:44). Em I Crônicas 15:17 ele é chamado Cusaías. Viveu em torno de 1015 A.C.

QUISIOM

No hebraico, «dura» ou «terra dura». Era uma cidade da tribo de Issacar, entregue aos levitas da família de Gérson (Jos. 19:20 e 21:28). O nome dessa cidade aparece com a forma de Quedes, em I Crô. 6:72, mas isso representa um erro escribal. A localização não é certa, mas têm sido sugeridos os cômoros el-Ajjul e el-Muqarqash, como possibilidades.

QUISLEU

Ver Nee. 1:1 e Zac. 7:1. Esse era o nome do terceiro mês do ano civil e do nono do ano eclesiástico dos judeus, que começa na lua nova de dezembro. Ver o artigo sobre o *Calendário*. A origem do nome é acádica. A Crônica Babilônica afirma que a marcha de Nabucodonosor contra Jerusalém começou nesse mês, no ano de 598 A.C. Dias memoráveis desse mês incluíam a festa da dedicação do templo, a comemoração de haver sido purificado após as poluções feitas pelos sírios; um jejum em face do fato de que Jeoaquim queimou o rolo das profecias de Jeremias (Jer. 36:22).

QUISLOM

No hebraico, «forte esperança», «confiança». Ele era pai de Elidade, príncipe de uma das famílias de Benjamim, que foi escolhido para assessorar na divisão da terra de Canaã entre as tribos (Núm. 34:21), em cerca de 1618-1490 A.C.

QUISOM

No hebraico, «meândrico», «sinuoso». Um rio que regava o vale de Esdrelom, em torno do qual há o registro de muitos incidentes bíblicos. Trata-se de uma torrente de inverno, que seca nos quentes meses de verão. (Ver Sal. 83:9). Em Juízes 5:19 chama-se «águas de Megido». Origina-se nas colinas perto de Tabor e de Gilboa. Corre na direção noroeste, através das planícies de Esdrelom e Acre, e despeja suas águas no mar Mediterrâneo, próximo do monte Carmelo. Há dois canais que se tornam um só, a curta distância ao norte de Megido. O rio é profundo e de águas rápidas, em certos meses do ano, quase não podendo ser atravessado, mas, no verão, o leito do rio seca e a área fica estorricada. Somente a poucos quilômetros do mar vê-se alguma água nesse rio, nos meses de verão. Seu nome moderno é Nahr el Mukatta, que significa «rio da matança». Ver I Reis 18:40. — No cântico de Débora (Juí. 5:21), é chamado «ribeiro das batalhas». Um incidente bíblico de nota, associado a esse rio, é a história de Sísera (que vide), em Juizes 5:20,21. Os sírios, sob o comando de Sísera, combatiam contra Israel, os quais eram liderados por Débora e Baraque. Sisera contava com forças muito superiores, com o apoio de carros de combate e de cavalaria. Porém, chuvas pesadas fizeram o rio transbordar, —pondo as forças de

Sísera à imobilidade; e o resultado foi que Israel obteve uma vitória fácil. Um outro notável incidente bíblico, que teve lugar perto desse rio, foi o conflito entre os profetas de Baal e o profeta Elias (I Reis 18:40). O local desse último incidente tem sido identificado com Deir al'Muhraqa, onde existe um mosteiro carmelita, de Santo Elias. Os derrotados sacerdotes de Baal foram levados a Quisom, onde foram executados. O rio provavelmente foi usado para o ritual da purificação.

As cidades mencionadas em conexão com o rio são a cidade de Jocneão (Tell Qeimum), Megido (Tell el-Mutessellim), Taanaque (Tell Ti'nnik). Ver Jos. 19:11 e Juí. 5:19. Esse rio era cruzado por importantes rotas de caravanas, e também foi a região onde várias campanhas militares envolveram povos como os midianitas e os filisteus. O rei Josias foi morto ali. Em tempos posteriores, esteve envolvido nas guerras dos hasmoneanos, dos romanos e dos cruzados. (ALB SMI)

QUITIM

No hebraico, «nsulanos». Esse povo, descendente de um dos filhos de Javã, filho de Jafé, é mencionado na Bíblia, com esse nome, somente em Gên. 10:4 e I Crô. 1:7. Quitim é um nome alternativo para a ilha de Chipre (que vide). Josefo compara esse nome ao nome da cidade de Citiom, na costa suleste dessa ilha. Atualmente, essa cidade chama-se Larnaca. As referências fenícias dizem *kt* ou *kty*, ao se reportarem a esse lugar. O povo de Quitim ocupava-se no comércio marítimo (Núm. 24:24). Em Isaías 23:1,12, esse nome parece aplicar-se à ilha inteira de Chipre, bem como as costas do Mediterrâneo oriental. Ver Jer. 2:10 e Eze. 27:6. Na quarta visão de Daniel, o nome aparentemente aplica-se a Roma (Dan. 11:30), o que tem paralelo em uma referência nos manuscritos do mar Morto em um Comentário sobre Habacuque, ao interpretar a palavra «caldeus». O texto trata sobre a guerra entre os Filhos da Luz e os Filhos das Trevas. Ali, «quitim» poderia indicar os gregos selêucidas, os romanos, etc., como uma referência obscura aos adversários da retidão.

QUITILIS

Em Josué 15:40 é uma das cidades que foram atribuídas à tribo de Judá, quando a terra foi dividida, durante as conquistas. A cidade permanece sem poder ser identificada.

QUITROM

No hebraico, «figurada» ou «pequena». Nome de uma cidade do território de Zebulom, pertencente anteriormente aos cananeus, mas de onde os israelitas não puderam expulsá-los. Ela é chamada Catate, em Jos. 19:15. Aparentemente, era a maior cidade da Galiléia, naquela época. Tem sido identificada com o Tell el-Far, cerca de treze quilômetros a suleste do porto de Haifa, embora outros prefiram identificá-la com Catá ou com o Tell Qurdaneh.

QUIUM

De acordo com vários estudiosos, esse nome vem da palavra síria *kainanu*, que é uma referência ao deus pagão, Saturno. Em Amós 5:26, única passagem onde aparece o nome, ele aparece como o deus-estrela adorado por Israel, em certa fase de sua história. Os egípcios usavam o termo *Seb*, para indicar essa divindade. O termo hebraico envolvido é similar ao vocábulo que significa «coisa detestável». Alguns estudiosos chegam a pensar que houve uma mudança deliberada na grafia da palavra, como uma espécie de jogo de palavras. Mas outros pensam que a palavra hebraica está ligada à raiz da palavra que significa «pedestal», o lugar onde uma imagem era colocada. A Septuaginta diz *rephan*, e Estêvão, em sua defesa-pregação, em Atos 7:42 *ss*, usa esse nome em sua forma grega, que nossa versão portuguesa translitera para «Renfã», referindo-se à adoração idólatra de Israel, durante quarenta anos, no deserto.

QUMRAN

Ver Khirbet Qumran e Mar Morto, Manuscritos do.

QURAN

Ver sobre o **Alcorão**.

QUTB

Nome que os islamitas dão a alguma pessoa especialmente santificada, a algum proeminente líder espiritual, a um homem dotado de poder, com missões e atividades especiais entre os homens. Tal homem teria a habilidade de fazer coisas especiais, sob a orientação de Alá (que vide).